

*Biblioteca
Geral da
Universidade*

BOLETIM

DOS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Publicado em harmonia com o art. 73.º do decreto n.º 5:736)

VOLUME III



10
1
24
31

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1934

BOLETIM

DOS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Publicado em harmonia com o art. 73.º do decreto n.º 5:736)

VOLUME III



IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA — 1934

10
1
24
31

BOLETIM

1934

HOSPITALS DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Publicado em conformidade com o art. 1.º do decreto n.º 2579

VOLUME III



IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1934

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Obras efectuadas, em realização e a iniciar

No intuito de organizar o plano geral a que devem obedecer de futuro as construções hospitalares e bem assim a remodelação dos serviços existentes e fundação de novos serviços, a Direcção dos Hospitais da Universidade de Coimbra acaba de ter ensejo de apresentar às instâncias superiores o presente documento, no qual se encontram reunidos os trabalhos que actualmente se estão desenvolvendo e bem assim a indicação do programa que a mesma Direcção se propõe efectivar, nos futuros anos económicos, de forma a satisfazer a este duplo fim, — dotar a cidade de Coimbra e o centro do país com instrumentos poderosos de Assistência, de harmonia com as necessidades e exigências da vida moderna, e fornecer à Faculdade de Medicina da respectiva Universidade os meios indispensáveis ao cumprimento da alta missão científica e social que o Estado lhe confiou.

Nesta orientação, os Hospitais da Universidade de Coimbra ficarão compreendendo os seguintes estabelecimentos:

- 1.º Hospital do Colégio das Artes.
- 2.º Hospital de S. Jerónimo.
- 3.º Hospital do Castelo.
- 4.º Maternidade Daniel de Matos.
- 5.º Hospital de Doenças de Crianças (a construir).
- 6.º Manicómio Sena (em construção).
- 7.º Hospital de Doenças Infecto-contagiosas (a construir).
- 8.º Instituto de Fisioterapia:
 - a) Eletrecidade médica.
 - b) Fototerapia.
 - c) Ergoterapia, massoterapia, ginástica médica.
 - d) Hidroterapia, balneário, piscina, banhos de imersão, *douches*, banhos turcos, etc.
- 9.º Raios X.
- 10.º Laboratórios da Faculdade de Medicina:
 - Laboratório de Análises Clínicas.
 - Laboratório de Físico-química e Química Biológica.
 - Laboratório de Cirurgia Experimental.

Na execução deste programa há muitas obras já concluídas e que farão parte de um relatório especial que em breve será presente à Direcção Geral de Assistência e ao Conselho da Faculdade de Medicina.

Actualmente estão em via de realização os seguintes trabalhos:

I

BANCO

Começou a construção do novo Banco, cuja planta já foi aprovada superiormente.

Reputamos esta obra de uma alta importância, porquanto as actuais instalações estão muito longe de satisfazer as exigências dos serviços.

Pelo Banco, pode dizer-se, passam todos os doentes internados e muitos milhares de indivíduos, uns que reclamam socorros e outros que acompanham os doentes. É uma instalação visitada por muita gente, e se, mais não virem, levam actualmente dos nossos Hospitais uma péssima impressão. Por isso esta Direcção envidará todos os seus esforços para, no mais curto espaço de tempo possível, dotar os Hospitais com uma instalação condigna.

O Banco será construído na cêrca, em comunicação com a Portaria de S. Jerónimo, utilizando para os doentes dêste pavilhão o ascensor que já lá está instalado e, para os doentes que se destinam ao Hospital do Colégio das Artes, um elevador que se acha em construção na ala norte dêste edificio.

Por esta forma, a entrada de todos os doentes que reclamam serviços hospitalares será feita pela Portaria de S. Jerónimo.

Serão recebidos numa sala, século XVIII, que acaba de ser cuidadosamente restaurada e que servirá de ante-câmara ao elevador de S. Jerónimo.

Daí, o carro maca que conduz o doente pode subir neste ascensor, se êle se destina ao pavilhão dos quartos particulares. De contrário, seguirá para o Banco, rolando sempre no mesmo carro, e daí pelo elevador da ala norte, agora em construção, para as salas de operações, ou para qualquer dos pavimentos do Hospital do Colégio das Artes.

Se o doente carecer de observação no Laboratório dos Raios X, tomará o elevador especial dêste serviço em qualquer daqueles pavimentos.

Por esta forma, tôdas as Clínicas se encontrarão ligadas por ascensores, o que virá facilitar os serviços.

O edificio do Banco tem 55 metros de comprido por 7 metros de largo, compreendendo rés-do-chão e dois andares.

O rés-do-chão destina-se a uma grande garage (para 6 camionetes), oficina de colchoaria e lojas para depósitos de materiais.

No 1.º e 2.º andar ficam os serviços de urgência, salas de tratamentos de cirurgia geral, urologia, ginecologia, oftalmologia, ortopedia, oto-rino-laringologia e estomatologia.

Ao lado da aceitação funcionará um pequeno balneário para serviço dos doentes a hospitalizar, aos quais, depois do banho, serão fornecidas roupas do Hospital, seguindo as que o doente traz para a Lavandaria, a fim de serem desinfectadas, lavadas e arrecadadas no respectivo depósito.

O Banco dos Hospitais fica voltado ao nordeste, sôbre a cêrca, com magníficas vistas sôbre o bairro de Santa Cruz, provido de grandes janelas que inundarão de luz as suas instalações, longe da rua, das poeiras e do público, perfeitamente isolado, e ao mesmo tempo em comunicação directa com todos os serviços.

No Colégio das Artes existe presentemente o ascensor dos Raios X. Está-se, porém, montando um outro, a que já aludimos, destinado ao serviço do Banco, pois permite o transporte fácil e rápido de doentes para as casas de operações e para as enfermarias dos dois pavimentos dêste Hospital. Êste ascensor prestará também serviço para condução

de materiais da Farmácia, Econometo e Lavandaria. É por isso que a sua fôrça foi calculada em mil quilos, quer dizer, o dôbro dos ascensores já instalados.

II

HOSPITAL DO COLÉGIO DAS ARTES

Neste Hospital estão-se realizando os seguintes trabalhos:

Assentamento de novos pavimentos em ladrilho cerâmico e colocação de azulejos nas enfermarias seguintes: 3.^a Clínica Médica, homens; 1.^a Clínica Cirúrgica, homens; Oftalmologia, homens; Oto-rino-laringologia, homens; e Clínica Ortopédica, homens.

São muito importantes estas reparações, pois as salas encontravam-se em estado lastimoso. Limpos os seus pavimentos, foram preparados com massame para receber ladrilho cerâmico de magnífica qualidade, que se poderá considerar eterno pela sua dureza e resistência.

A Clínica Oto-rino-laringológica pode considerar-se esboçada no seu funcionamento com as 6 camas que lhe foram destinadas numa pequena sala do poente do edificio, onde também foram colocadas 6 camas para doentes de Oftalmologia.

A Clínica Ortopédica, tendo agregados os serviços de acidentes no trabalho (Decreto n.º 4.288 de 9 de Março de 1918) será inaugurada no dia 1 do próximo ano, nas suas novas instalações, na ala norte do edificio. Comporta umas 36 camas que virão aliviar a 3.^a Clínica Cirúrgica, onde tem chegado a haver 40 camas suplementares.

Esta Clínica está instalada nas antigas dependências de Dermatologia e Sifilografia, homens. As obras ali realizadas foram de uma grande importância, porque, devido a erros graves nos madeiramentos, divisões, distribuição de cargas, etc., o ângulo noroeste do edificio ameaçava ruína.

De um momento para o outro o gabinete do Prof. Elísio de Moura e quartos anexos poderiam abater, por falta de solidez nas abóbadas do Balneário.

De facto, duas colunas de pedra da antiga enfermaria de sífilis estavam assentes sobre a parte culminante do arco de uma abóbada à qual em tempos haviam cortado um dos encontros. Daí, a abóbada haver fendido e o conjunto ameaçar ruína.

Estes trabalhos, de extrema delicadeza, foram por nós acompanhados com o máximo cuidado. Fêz-se estudo prévio do conjunto e depois uma avaliação completa das cargas existentes.

Calcularam-se com todo o escrúpulo as espessuras das vigas a empregar.

Construiu-se uma coluna de cimento armado no Balneário para amparar a abóbada e suportar a coluna de pedra da enfermaria, que por sua vez serviu de suporte a grossas vigas de ferro destinadas a sustentar o pavimento dos serviços de Neurologia.

Ao proceder às fundações, para construir aquela coluna de cimento armado verificou-se que uma das paredes de encontro da abóbada estava assente em terra movediça. Por este pequeno pormenor se pode avaliar da delicadeza de todos estes trabalhos que estão já completos e que deram a este ângulo do edificio uma solidez perfeita.

Na 2.^a Clínica Cirúrgica, homens, realizaram-se também trabalhos importantes.

Construíram-se os anexos desta Clínica, sala de pensos, gabinete de observação de doentes, câmara escura, arrecadações, etc.

Como as frontarias do Colégio das Artes são o mais anti-estéticas que é possível imaginar-se, é necessário dar-lhe uma certa harmonia, estudando a forma mais económica de imprimir ao edificio a grandeza que êle de facto merece.

Neste sentido começou-se a remodelação da frontaria nordeste pela casa de banho e retrete da enfermaria séptica da 3.^a Clínica Cirúrgica, mulheres, que aliás ameaçava ruína. Com esta obra não só aquela retrete foi completamente reparada, mas também no rés-do-chão se fez no mesmo prumo uma casa de trabalho para a 2.^a Clínica cirúrgica, homens.

A casa de banho e retrete anexas a Neurologia, homens, e à 3.^a Clínica Médica, homens, estão em péssimo estado, — não têm ventilação e precisam de reparações importantes.

Por outro lado, entre os dois corpos da ala poente do edificio há um espaço desaproveitado, onde poderão ser instaladas duas casas de trabalho: uma para Neurologia, homens, e outra para a 2.^a Clínica Médica, mulheres.

É indispensável reparar também convenientemente a casa de banho e as retretes que estão colocadas ao centro da ala poente do edificio.

As salas e enfermaria da 3.^a Clínica Cirúrgica, homens, precisam de azulejos; e a casa de pensos anexa encontra-se em deplorável estado. Há obras de reparação ali a fazer, e, além disso, é preciso também construir uma pequena sala de operações para doentes extremamente sépticos: casos de tétano, gangrena gasosa, etc.

No rés-do-chão do Colégio das Artes, com a saída do Balneário para a instalação própria, poder-se-ão ampliar as instalações do Raio X, ficando espaço para a construção, ali, de um núcleo ou Instituto Anti-canceroso, tão útil ao ensino como indispensável à Assistência.

A cerca do Hospital do Colégio das Artes nos limites da Rua Abílio Roque não está vedada.

Esta rua foi talhada na encosta da antiga cerca dos Jesuítas.

O corte que então se fez, na vertente, e porque a rocha é estratificada obliquamente, ia prejudicando os muros de suporte e até o ângulo nordeste do edificio. Houve até um destes muros que fendeu e por isso foi em tempos gateado, e mais tarde tivemos de demolir e reconstruir de novo.

Em presença de factos tão graves e sendo Director das Obras Públicas o Engenheiro Paulo de Barros, resolveu-se construir um grande muro de suporte, que, amparando o edificio, serviria também para a construção da Lavandaria.

De mais, havia industrialmente tóda a vantagem em colocar este estabelecimento naquele local, para utilizar a mesma caldeira da cozinha, para as esterilizações, lavandaria etc. Faz-se por esta forma uma economia notabilíssima: uma só caldeira, pode dizer-se, nutre todo o Hospital.

Entretanto, a cerca daquele lado está aberta, e, o que é mais, pelo acidentado do terreno, as terras invadem constantemente a rua. Além disso, há ali um grande espaço perdido.

Tem portanto o Estado de fazer um muro que vede a cerca e suporte as terras. O espaço assim adquirido fica voltado ao norte, muito frio e por isso impróprio para habitações. Deve ser aproveitado para barracões para lenha, madeiras, mobílias, materiais de construção, etc.

Além disso, deve ficar ali instalado o depósito de resíduos e forno de incineração.

III

HOSPITAL DE S. JERÓNIMO

No Hospital de S. Jerónimo temos ainda a realizar algumas obras, no claustro que é preciso restaurar; no actual Banco, onde deverá ser instalado um gabinete anexo às duas salas de aula, para os professores, e para o serviço da Secretaria da Faculdade.

A Farmácia já há muito tempo foi transferida para a instalação própria no edificio da Lavandaria, e nas casas onde ela em tempos existiu fizeram-se obras importantes para instalar a Electricidade Médica.

Estão quasi concluidas essas obras e brevemente será para ali transferido este importante serviço.

No futuro, o Instituto de Farmacologia terá de ser mudado para edificio próprio e amplo, e então a Electricidade Médica encontrará meio de se alargar, ficando condignamente instalado, podendo ocupar o espaço hoje destinado àquele Instituto.

A armação e telhados da escadaria nobre de S. Jerónimo há muito que se encontravam em péssimo estado de conservação. Nestes últimos tempos a situação agravou-se, ameaçando ruína. Balaústres e talha da referida escadaria ficariam completamente mutilados, se porventura os telhados desabassem impelidos por qualquer tempestade.

Tal facto, a dar-se, constituiria uma perda irreparável para a arte nacional. Por isso mesmo, este verão os telhados e armação daquela escadaria, foram apeados e feitos de novo, conservando a abóbada o mesmo estilo; até o florão central foi colocado no lugar onde estava anteriormente, e donde havia sido retirado com todo o cuidado.

O edificio de S. Jerónimo estava incompleto — pois faltava concluir, a noroeste, o 2.º andar de uma parte importante deste Hospital.

Demais, as armações e telhados nesta parte ameaçavam ruína: traves, ripas, caibros etc., tudo de pinho e mandado construir pelo Dr. Costa Simões, tinha apodrecido e algumas traves vergavam já ao péso das telhas.

Fêz-se este novo andar, cobriu-se, agora, com armações de madeira de choupo. A obra de carpintaria está pronta, e os rebocos, estuques etc., análogamente.

Está-se com a pintura, canalização e esgotos.

Em breves dias esta parte do edificio será entregue à exploração.

Construíram-se retretes e casas com pias de despejo e de arrecadações para os serviços deste Hospital.

Nas águas furtadas ficam ainda acomodações para o pessoal e arrumos para o material destes serviços.

IV

HOSPITAL DO CASTELO

Não é fácil esquecer o aspecto asqueroso do antigo Hospital dos Lazaros.

Naqueles casarões sem ar e sem luz, viviam em completa promiscuidade tuberculosos sifilíticos, leprosos, doentes portadores de moléstias infecciosas as mais variadas.

O caso era de tal ordem que muita gente arbitrava a destruição pelo fogo daquelas habitações lúgubres e sombrias.

Entretanto, a demolição daquele velho convento e a remoção de tantos materiais constituíam um despendio formidável. E no fim de tudo ficaríamos apenas com espaço livre para proceder a novas edificações.

Optamos pois pela reconstrução, aproveitando as paredes do velho convento que pouco e pouco foi transformado num magnífico Hospital.

Estão reconstruídas as duas alas — nascente e sul d'este edificio. Ali estão funcionando há meses no rés-do-chão as consultas externas de Medicina, de Dermatologia e Sifilografia e o Dispensário Anti-Tuberculoso.

No 1.º andar estão instaladas as Clínicas de Dermatologia e Sifilografia, Tuberculose, Doenças Infecto-contagiosas — sexo masculino, — e, no 2.º andar, as mesmas clínicas do sexo feminino.

No rés-do-chão e em cada um dos andares existem baterias de retretes e casas de banho, com água quente e fria, aquela fornecida por uma caldeira própria instalada para esse fim.

A transformação foi completa: do velho convento só resta o ar artístico da antiga architectura e os emblemas dos templários que por ali passaram. E a Faculdade para comemorar este facto mudou-lhe o nome: é assim que o antigo Hospital dos Lasaros se chama hoje novo Hospital do Castelo.

Vai iniciar-se, brevemente, a demolição das casas em cujo terreno há-de ser construída a 3.ª ala do edificio, que será destinada a um serviço de medicina.

No rés-do-chão ficará espaço para instalar um laboratório; no 1.º andar, enfermarias de homens; e, no 2.º andar, enfermarias de mulheres.

Com a expropriação de algumas casas do Bêco dos Militares, conforme a planta levantada e na posse da Câmara Municipal, a que deverá proceder-se no próximo ano económico, fica o Hospital do Castelo convenientemente desafrontado, do poente, e na posse dos terrenos precisos para ajardinar e, porventura, para construir um pequeno pavilhão.

V

MATERNIDADE DANIEL DE MATOS

Afigura-se a esta Direcção haver tóda a vantagem na mudança da designação «Clínica Dr. Daniel de Matos» por aquela que presentemente propomos.

O Governo subsidiou a construção de duas Maternidades, uma em Lisboa, e outra no Pôrto. Essas duas maternidades têm hoje dotações esplêndidas, permitindo-lhes vida desafogada. É justíssimo que Coimbra, cidade universitária, centro do país, e núcleo importantíssimo de estabelecimentos de assistência, seja beneficiada com uma instalação análoga.

Com grandes sacrifícios têm sido deslocadas para aquela Clínica verbas importantes, absolutamente indispensáveis à conservação do edificio, melhoramentos precisos e urgentes. Nos últimos tempos, já sob a minha responsabilidade, essas verbas atingiram a soma de 71.931,572.

Não pode a Direcção dos Hospitais ir mais longe por o edificio da Clínica ser pertença da Faculdade de Medicina.

E nem convém aos interesses do Estado obras parciais num edificio cujos telhados e pavimentos ameaçam ruína.

Devo esclarecer que em tempo, e sem a menor responsabilidade desta Direcção, foram realizadas ali obras com verbas da Faculdade de Medicina e que, no dizer dos técnicos, contribuíram para o estado em que se encontram os pavimentos e estuques do edificio.

Vamos mandar proceder a uma vistoria e organizar um plano geral de trabalhos.

Entretanto, parece-me de tôda a vantagem que a Faculdade de Medicina solicite do Governo a construção em Coimbra de uma Maternidade condigna, com uma lotação não inferior a 100 leitos.

A actual «Clínica Dr. Daniel de Matos» seria o núcleo, o ponto de partida para a realização daquela obra.

Os Laboratórios de Histologia e Fisiologia, uma vez dali deslocados, levantando-se um andar no actual edificio, montando ascensores, construindo ao lado pavilhões, submetendo o conjunto a um plano geral, a um estudo metódico, julgo que se pode, naquele lugar e aproveitando o que existe, edificar uma Maternidade que satisfaça às exigências modernas.

VI

HOSPITAL DE DOENÇAS DE CRIANÇAS

A Clínica Pediátrica, presentemente, só virtualmente existe.

De facto, ela dispõe apenas de duas salas:

Uma serve cumulativamente de gabinete do Director, arquivo, biblioteca, laboratório de análises, para tratamentos pelos Raios Ultra-violetas, de consultas externas, etc.

A outra sala constitui propriamente a enfermaria, com a lotação de 10 camas.

E nada mais.

Torna-se, pois, necessária a construção de um pavilhão que satisfaça por completo a tôdas as necessidades da clínica e da higiene infantil, onde também se possa fazer o ensino de puericultura, obra a que dedicam a maior atenção tôdas as nações que pensam a sério no aumento da população e no revigoramento da raça.

Em conformidade com tal necessidade o Conselho da Faculdade de Medicina, unânimeamente, aprovou numa das suas sessões o ante-projecto de uma Clínica Infantil, estando presentemente a ser elaborada a planta definitiva, com enfermarias para todos os períodos da infância, gabinetes, laboratórios, consulta externa, salas de isolamento, sala de pensos, cozinha de lactantes, sala de jogos, etc.

O terreno onde se pensa construir esta Clínica, na cêrca dos Hospitais, apresenta um declive na direcção nascente-poente, de onde resultou a necessidade de projectar o edificio com as caves e o rés-do-chão mais baixos que o terreno natural do lado poente.

O tipo do edificio escolhido foi o de corredor central, por ser aquele que mais cómodo se torna ao serviço.

A cobertura será em terraço, em *beton* armado com lage dupla, de maneira a torná-la completamente isoladora.

As janelas serão rasgadas até próximo do tecto, de modo a facilitar a ventilação.

A separação das enfermarias dos corredores far-se-á por meio de grandes superficies de vidro.

A distribuição dos serviços pelos diferentes pavimentos será feita da seguinte maneira:

CAVES — Neste pavimento ficarão instalados os serviços de aquecimento, cozinha,

arrecadação, e salas de recreio para as crianças, que abrirão directamente sobre o jardim.

RÉS-DO-CHÃO — Neste pavimento, de um lado, serão instaladas as enfermarias de recepção; do outro, laboratórios, raios X e anfiteatro. No centro, os gabinetes de consulta externa.

Os dois andares restantes ficam reservados a enfermarias. Estas têm a capacidade para 100 a 120 doentes.

No primeiro andar ficarão também instalados, a sala de operações, gabinete de anestesia e um quarto para doentes operados, gabinete do Director, dos assistentes, arquivo, etc.

As enfermarias voltadas a sul, terão contíguo um terreno coberto.

SEGUNDO ANDAR — Será todo destinado a enfermarias e quartos.

O terraço será utilizado nos tratamentos pelo sol, podendo os doentes ser para ali transportados pelo elevador.

Em todos os pavimentos se destinará um compartimento a serviço de ligação com as caves por meio de monta-cargas.

VII

MANICÓMIO SENA

Pela respectiva Comissão Administrativa, subordinada à Direcção dos Edifícios Nacionais, têm prosseguido as obras deste Manicómio.

E de prever, atenta a desinteressada dedicação e inexcedível zelo daquela Comissão, que Coimbra possua, dentro em breve, mais aquele valioso órgão de Assistência, que deve ser incorporado nos Hospitais da Universidade.

VIII

HOSPITAL DE DOENÇAS INFECTO-CONTAGIOSAS

Coimbra não possui quaisquer elementos de defesa contra doenças desta natureza. Seria uma verdadeira desgraça a invasão da cidade por uma epidemia de certa importância.

É pois absolutamente indispensável a construção, nos arredores, de alguns pavilhões de isolamento.

Esta Direcção vai dedicar ao assunto especial atenção, procurando local apropriado e mandando organizar os projectos, a fim de os submeter, em seguida, à sanção das autoridades competentes.

IX

INSTITUTO DE FISIOTERAPIA

Nas antigas dependências da Farmácia, que estão sendo inteiramente remodeladas, ficará instalada, até final do ano corrente, a Electricidade Médica.

Para esse fim, aproveitar-se-á o núcleo de aparelhos existentes, parte dêles por utilizar, como conseqüência do espaço acanhado das suas actuais dependências.

O local escolhido afigura-se muito próprio, por ficar independente de qualquer outro serviço hospitalar, por estar em contacto quási directo com o exterior e ser servido hoje por ascensores.

Para os outros ramos dêste Instituto julgamos, também, ter já encontrado local condigno.

O problema ficará resolvido com a transferência do Balneário para as arcadas pombalinas do Castelo.

Construir-se-á ali um estabelecimento moderno com piscina apropriada para exercícios físicos, onde uma grande parte da população académica encontrará meio próprio para o seu desenvolvimento físico, hoje por fazer, ou feito por forma defeituosa.

Nas nossas últimas viagens ao estrangeiro estudamos o assunto, e estamos na posse de elementos suficientes para a construção de um Balneário moderno, que, constituindo uma fonte de receita para os Hospitais, deverá ser também um centro de hygiene, cultura física e distracção. Ora, isto tem uma alta importância educativa num centro académico como Coimbra.

X

RAIOS X

No espaço occupado pelo antigo estabelecimento hidroterápico poder-se-ão instalar as dependências indispensáveis ao futuro Instituto do Cancro.

Esta direcção já dotou os actuais serviços de Raios X com aparelhagem moderna que à Faculdade de Medicina e aos Hospitais estão prestando um valiosíssimo auxilio.

XI

LABORATÓRIOS DA FACULDADE DE MEDICINA

Neste estabelecimento estão instalados os seguintes laboratórios: de Análises Clínicas, Físico-química e Química Biológica, e Cirurgia Experimental.

O Laboratório de Análises Clínicas tem actualmente a sua instalação no rés-do-chão do Colégio das Artes. Poderá talvez ser deslocado com vantagem própria para o rés-do-chão da ala do Hospital do Castelo que vai ser construída.

Depois de esta edificação concluída e de acôrdo com o Ex.^{mo} Director dêste Laboratório se tomará uma resolução definitiva.

Os Laboratórios de Físico-química e química Biológica, e o de Cirurgia Experimental, foram já, no corrente ano civil, acabados de instalar no novo edificio da Lavandaria.

Esta Direcção envidou os seus esforços para que essas instalações, não desmerecessem, quando postas em confronto com as outras dependências hospitalares.

Eis, em linhas gerais, a obra acabada de realizar, e delineada a obra que nos propomos prosseguir, se nos continuar a ser dispensada a confiança das instâncias a que estes Hospitais estão subordinados.

Coimbra, 18 de Dezembro de 1931.

O Director Substituto,

a) **Angelo da Fonseca**

Ministério do Interior. — Direcção Geral de Assistência. — 1.ª Repartição. — L.º 34. — Proc. 13. — Ex.º Senhor Director dos Hospitais da Universidade de Coimbra. — Comunico a V. Ex.ª que tendo sido presente a S. Ex.ª o Ministro do Interior, o seu officio n.º 933, de 17 do corrente, o mesmo Ex.º Senhor constatou, com muita satisfação, o desenvolvimento que V. Ex.ª tem imprimido a esse estabelecimento e aquele que ainda pretende imprimir em futuro próximo.

Esse desenvolvimento, que se deve principalmente ao dedicado esforço de V. Ex.ª mereceu a V. Ex.ª e a esta Direcção Geral, o mais decidido apoio e os mais merecidos louvores.

Saude e Fraternidade. — O Chefe da Repartição — a.) *José de Mendonça Azev.*

Universidade de Coimbra. — Faculdade de Medicina. — N.º 2.256. — Ex.º Senhor Professor Dr. Angelo da Fonseca, Dig.º Director dos Hospitais da Universidade. — Tendo sido iniciada a apreciação, pelo Conselho da Faculdade, em sua Sessão de 13 do corrente, da comunicação de V. Ex.ª sôbre a próxima remodelação dos serviços hospitalares, anunciada por V. Ex.ª, tenho a honra de participar a V. Ex.ª que a obra notável que V. Ex.ª até agora tem realizado nos referidos Hospitais foi altamente apreciada e louvada, pelos grandes benefícios que dela advieram não só para a Faculdade como para a Assistência Pública, esperando a Faculdade que V. Ex.ª nos seus projectos de reforma saberá acautelar, como tem feito até agora, todos os direitos e justos interesses da Faculdade e dos próprios Hospitais, como consta da seguinte moção, aprovada por unanimidade, que levo ao conhecimento de V. Ex.ª

Moção

O Conselho da Faculdade de Medicina, tendo tomado conhecimento dos trabalhos realizados e dos que se propõe realizar para o engrandecimento dos Hospitais da Universidade o seu illustre Director, Ex.º Professor Dr. Angelo da Fonseca, visando a elevar este Estabelecimento à altura de bem satisfazer ao duplo fim da missão científica da Faculdade e da Assistência no centro do País, manifesta a S. Ex.ª todo o seu reconhecimento e louvor pela obra notável que já conseguiu efectivar e pelos novos melhoramentos e instalações que intenta levar a cabo e pede-lhe que na próxima remodelação dos serviços, que anuncia ir promulgar-se, acautele devidamente, como tem feito até ao presente, os direitos e justos interesses da Faculdade, conservando-lhe todos os Institutos e Laboratórios que lhe pertencem e proporcionando-lhe os meios dela poder ministrar o ensino, para o que é absolutamente necessário manter nessa remodelação os parágrafos primeiro e terceiro do artigo primeiro de Decreto em vigor número cinco mil setecentos trinta e seis que dispõe o seguinte :

§ 1.º Nos Hospitais da Universidade são compreendidos todos os estabelecimentos do Estado cuja função social vise a assistência médica ao público e à prática médico-cirúrgica da Faculdade de Medicina.

§ 2.º Igualmente farão parte da entidade (Hospitais da Universidade) a que este artigo se refere, quaisquer outros hospitais ou serviços clínicos civis de assistência que o Estado venha a criar na cidade de Coimbra.

Com os protestos da minha maior consideração desejo a V. Ex.ª os melhores votos de

Saude e Fraternidade. — Coimbra, 13 de Janeiro de 1932. — O Director da Faculdade de Medicina — a.) *Lúcio Rocha.*

DISPENSÁRIO ANTI-TUBERCULOSO DE COIMBRA COM SEDE NOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE

SUA ORIGEM E ORGANIZAÇÃO

Desde há muito que a Faculdade de Medicina e os Hospitais da Universidade vêm dirigindo a sua atenção para o magno problema da profilaxia da tuberculose; entretanto, o primeiro pedido concreto de um Dispensário anti-tuberculoso foi feito apenas em 1923.

Nessa data, como parecesse a ocasião oportuna, a Faculdade, sob proposta minha, resolveu enviar uma representação, que me encarregou de redigir, ao Administrador Geral de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral.

Não deixa de ser interessante transcrever dessa representação alguns dos períodos que fundamentam o pedido do Dispensário.

«A Faculdade de Medicina de Coimbra tem a honra de solicitar de V. Ex.^a que da verba votada pelo Parlamento para a profilaxia social da tuberculose se destine uma parcela para criar e manter junto dela um dispensário anti-tuberculoso.

«Averiguado como está que só o contágio propaga a tuberculose, é evidente que não há instituição tão económica e proficua de preservação daquela doença como o dispensário.

«Actualmente estes institutos ocupam o centro da complexa organização anti-tuberculosa...

«Se o dispensário é o eixo de todo este complexo sistema, é também a primeira base a estabelecer para nela se irem apoiando as outras instituições.

«E, em Coimbra, infelizmente, ainda nada há feito para combater a tuberculose...

«E não se julgue que Coimbra, com a sua reduzida população, não oferece vasto campo à propagação da tuberculose.

«Apontam-se como primordiais factores sociais desta doença a vida escolar e militar, a industrialização e o sobre-povoamento habitacional; ora tôdas estas condições se realizam em Coimbra, não faltando já hoje aqui a grande indústria e numerosas casernas.

«Atendendo, porém, a outra ordem de considerações nós vemos que se o dispensário é, em tese, tão útil, os seus resultados em Coimbra deverão ser especialmente apreciáveis.

«Nesta população em geral tão culta e dócil, em convivência diária com numerosos e ilustrados clínicos, e com algumas centenas de estudantes de medicina, há a certeza de que as instruções profiláticas emanadas do dispensário serão de boa vontade executadas.

«E, ficando o dispensário adjunto à Faculdade de Medicina, será mais uma garantia do seu funcionamento irrepreensível.

«Não é indiferente também a circunstância de a Faculdade de Medicina e dos Hospitais da Universidade disporem de instalações, como a de Radiografia e a de Farmácia, que podem, ao menos inicialmente, aproveitar ao dispensário, e de disporem de terrenos apropriados para a sua edificação.

«Acima, porém, de tôdas estas vantagens há a considerar a que resulta da utilização do dispensário para instrução dos alunos da Faculdade, assim como a da propaganda que de futuro farão dêses Institutos por todo o país os diplomados saídos das diferentes escolas de Coimbra».

Infelizmente esta representação não foi atendida, o que não obstou a que dois anos mais tarde, em 1925, a Faculdade voltasse a insistir, sob proposta minha, dirigindo-se agora ao Ministro do Trabalho, e pedindo não só o Dispensário mas também um pequeno

pavilhão para isolamento de tuberculosos que ao tempo se encontravam péssimamente instalados no que é hoje o Hospital do Castelo. Não logrou melhor êxito esta segunda representação.

Frustradas as duas tentativas, esperava eu a oportunidade para novas diligências quando, com surpresa e admiração, vi publicado o decreto n.º 14.476 que mandava criar nos hospitais 4000 leitos (!) para tuberculosos, adaptando para isso edificios antigos, e provendo também à criação de Dispensários e Sanatórios.

Esta nova situação, que nos encheu de esperanças, foi imediatamente aproveitada pelo Director dos Hospitais da Universidade, illustre professor Ex.^{mo} Sr. Dr. Angelo da Fonseca, que com fundamento naquele decreto logo pediu um subsídio que lhe permitisse reparar o antigo Hospital dos Lázaros onde estava a enfermaria de tuberculose.

Emquanto estudávamos as novas possibilidades, que por esta forma se nos ofereciam, de combate à tuberculose, tivemos ensejo de nos pôr em relação com o Presidente da Comissão Executiva da Assistência Nacional aos Tuberculosos, o illustre tisiólogo Ex.^{mo} Sr. Dr. Cassiano Neves, que com a mais cativante gentileza prometeu auxílio para o Dispensário, interessando-se pelos nossos projectos.

Passado pouco tempo, recebi de S. Ex.^a o seguinte officio:

Lisboa, 20 de Janeiro de 1928. — ... Prof. Adelino Vieira de Campos. — Coimbra. — Venho rogar a V. ... confiado na sua amabilidade, a fineza de me informar, sôbre as possibilidades e facilidades, que há em Coimbra e seu termo, para hospitalização de tuberculosos e bem assim para a criação dum Dispensário local.

Careço destes elementos, para apresentar em Comissão Executiva desta Instituição e para esclarecer devidamente as estações officiais, sôbre um vasto projecto de organização local de luta contra a tuberculose.

Confiado na gentileza de V., etc. — O Presidente da Comissão Executiva da A. N. T. — a.) *Cassiano Neves.*

Reconhecendo eu a vantagem, senão a necessidade, dos Hospitais da Universidade, que estão sob a direcção científica da Faculdade de Medicina, tomarem sôbre si a parte principal na luta contra a tuberculose, logo que recebi êste officio dirigi-me ao seu illustre Director nos seguintes termos:

Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Angelo da Fonseca, Dig.^{mo} Director dos Hospitais da Universidade. — A fim de me habilitar a informar o Ex.^{mo} Presidente da Comissão Executiva da Assistência Nacional aos Tuberculosos sôbre as possibilidades e facilidades que há em Coimbra e seu termo, para a hospitalização de tuberculosos, e bem assim para a criação dum Dispensário local, rogo a V. Ex.^a se digne responder ao seguinte:

1.º ¿ Poderão os Hospitais da Universidade fornecer a instalação do Dispensário, no local já por nós escolhido, além do que respeita à casa, também o mobiliário, luz, água, roupas e ainda pessoal de enfermagem que coopere nas consultas?

2.º ¿ Poderá esta instalação estar feita por todo o mês de Abril?

3.º ¿ Poderão os Hospitais da Universidade pôr desde já à disposição da Assistência Nacional aos Tuberculosos a ala do edificio dos Lázaros, que defronta a nascente, para ser adaptada pela mesma Assistência a um Hospital de Tuberculosos, o qual ficará sob a administração dos Hospitais da Universidade nas condições que se ajustarem?

4.º ¿ Poderão os Hospitais da Universidade tomar sob a sua administração e nas condições que se ajustarem qualquer outro edificio do Estado que em Coimbra se consiga obter, e a Assistência adapte a Hospital de Tuberculosos?

5.º ¿ Estão os Hospitais da Universidade dispostos a secundar, no que lhe fôr possível, a Assistência Nacional aos Tuberculosos, no vasto plano de luta contra a tuberculose?

Eu sei antecipadamente a resposta que as minhas perguntas terão da parte de V. Ex.^a porque conheço o que V. Ex.^a pensa sôbre a situação affitiva e miserável de assistência social aos tuberculosos em Coimbra e quanto ela poderá ser melhorada, com relativa facilidade, neste meio tão illustrado; mas não me dispense de as fazer para que com a reconhecida autoridade de V. Ex.^a sôbre assuntos hospitalares, eu melhor possa satisfazer os desejos do illustre Presidente da benemérita Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Coimbra, 23 de Janeiro de 1928.

Como era de esperar do illustre professor Dr. Angelo da Fonseca, cuja actividade, zêlo e proficiência na Direcção dos Hospitais da Universidade todos bem conhecem, logo no mesmo dia respondeu pela forma mais satisfatória que eu poderia desejar.

... Doutor Adelino Vieira de Campos. — ... Director da Clínica de Moléstias Infecciosas e de Tuberculose Pulmonar. — Coimbra. — Estou de posse do officio de V. ... com a data de 23 do corrente, e ao qual me apresso a responder.

Antes, porém, de o fazer permita-me V. ... que deixe registado neste documento, todos os meus aplausos, quer como médico, quer como professor, quer como Director dêste estabelecimento pelo movimento que se está desenvolvendo e tomando corpo a favor da assistência aos tuberculosos.

Êste problema da mais alta importância social, achava-se de facto em completo abandono nestes últimos tempos.

Os trabalhos da Assistência Nacional aos Tuberculosos e da Liga Nacional contra a Tuberculose, as duas entidades que durante anos tantos serviços prestaram a esta causa, têm estado suspensos, ignorando-se os motivos que determinaram êste lamentável acontecimento.

Ainda bem que se começa de novo a pensar na tuberculose que nós os médicos, andamos habituados a considerar como um dos maiores flagelos da humanidade na época que atravessamos.

E ainda bem que à frente dêsse movimento em Coimbra se encontre V. ... que, quer pela situação especial que occupa como professor de clínica médica, e de clínica das moléstias infecciosas, quer pela alta competência que todos lhe reconhecem pode orientar todos os trabalhos de assistência e bem assim dirigir e organizar a profilaxia contra tão terrível doença.

E assim é que V. pode contar hoje e sempre com tudo o que dependa desta Direcção.

Podemos, com efeito, dentro de uns três meses pôr a funcionar um dispensário no local escolhido que não é bom mas que poderá ser utilizado provisoriamente.

De uma maneira análoga pode proceder-se a obras de adaptação do Hospital dos Lázaros, de forma a melhorar a situação dos tuberculosos ali hospitalizados.

Tudo isso se fará com a melhor das boas vontades, mas não resolve o problema. A questão tem de ser encarada de uma forma muito mais ampla.

Em primeiro lugar o Hospital dos Lázaros não pode destinar-se exclusivamente a tuberculosos. Ali têm de ser internados individuos portadores de outras doenças; a Faculdade, e a Assistência do Centro do País não podem restringir aquêle Hospital exclusivamente a tuberculosos. Por isso era de tôda a conveniência a adaptação de outro edificio àquele fim.

Existe um edificio em Coimbra que se podia adaptar com pouco dinheiro a dispensário e sanatório — é o antigo convento de Santa Teresa, que presentemente está quasi todo abandonado, tendo apenas em uma das suas dependências uma Companhia de Saúde.

Esta podia, com proveito até para o fim que tem em vista ser deslocada para o edificio das Ursulinas, onde há instalações imensas para a receber.

Basta que o Ministério da Guerra ceda o antigo convento de Santa Teresa, para a Assistência Nacional aos Tuberculosos ter meio de abrir ao público um óptimo dispensário, e um sanatório em condições regulares, mediante uma obra de adaptação que se iria fazendo pouco a pouco.

A Direcção dos Hospitais poderá neste caso tomar a responsabilidade da Direcção dêste novo Hospital, mesmo de harmonia com o § 3.º do artigo 1.º do decreto 5.736.

Esta obra já era importante, mas a meu ver deveria ser completada com a instalação dum sanatório no Picôto dos Barbados, local óptimo no dizer do eminente tisiólogo professor Lopo de Carvalho, nos subúrbios de Coimbra, podendo a assistência clínica ser dirigida por professores da Faculdade de Medicina, e que representaria uma economia notável.

De resto, para tudo o que V. ... julgar de utilidade nos trabalhos a empreender para a solução de tão grave problema, conte sempre V. ... com esta Direcção.

Com os protestos, etc. — Direcção dos Hospitais da Universidade de Coimbra, 23 de Janeiro de 1928. — O Director Substituto — a.) *Angelo da Fonseca.*

Em 25 de Janeiro, portanto apenas 4 dias depois de ter recebido o officio do illustre Presidente da A. N. aos T., eu pude apresentar-lhe o delineamento do seguinte plano quasi completo da profilaxia da tuberculose, immediatamente realizável em Coimbra e seu termo, e demandando despesa muito reduzida.

Ex.º Sr. Dr. Cassiano Neves, Dignissimo Presidente da Comissão Executiva da Assistência Nacional aos Tuberculosos. — Correspondendo ao honroso convite de V. Ex.ª, constante do seu officio de 20 do corrente, venho por êste meio fornecer-lhe alguns elementos relativos ao problema da tuberculose em Coimbra e às possibilidades e facilidades locais de o resolver.

Como me dirijo a um profissional distintissimo, especializado em tisiologia, permita-me V. Ex.ª que não aborde pontos doutrinários, que V. Ex.ª conhece melhor do que eu, e apenas me preocupe com a questão local.

Coimbra é uma cidade universitária, predominantemente escolar, donde qualquer ensinamento ou organi-

zação de profilaxia ou de terapêutica social difundirão facilmente, levados pelo entusiasmo próprio da mocidade que daqui se espalha periodicamente por todo o país. Cidade pequena, não passará despercebido de ninguém o esforço que se desenvolver na luta anti-tuberculosa; essa luta deverá, pois, ser modeladamente organizada, porque constituirá uma escola para grande parte do país.

E essa campanha é aqui tanto mais fácil quanto o seu êxito depende essencialmente da ilustração média das populações e da facilidade de assimilação dos preceitos profiláticos. ¿E haverá porventura no país cidade que sob este ponto de vista se avante a Coimbra?

Por outra parte dispõe a cidade, relativamente à sua pequena população, dum numeroso corpo clínico, altamente ilustrado, onde não é difícil encontrar técnicos com notável especialização no domínio da tuberculose.

Também contribui para mais fácil sustento dos doentes hospitalizados o facto de a vida em Coimbra não ser cara, abundando os produtos desta fértil região.

O clima, se não é ideal para a cura da tuberculose, porque participa de alguns defeitos por assim dizer gerais a todo o país, é contudo ameno, rico de sol e de luz e nada inferior ao de muitas regiões da Europa de boa reputação no tratamento desta doença.

Em suma, as condições locais pelo que respeita a pessoal técnico, cultura do meio populacional, clima e preço da alimentação contribuem notavelmente para facilitar e assegurar o êxito da campanha anti-tuberculosa.

Mas há em Coimbra outros elementos de valor com que a benemérita A. N. aos T. pode contar.

Principiemos pelo Dispensário que com as funções que actualmente tem se tornou o eixo de toda a organização anti-tuberculosa, eixo em volta do qual giram todos os outros institutos.

Para já e para começar pode a A. N. aos T. contar com a instalação de casa e mobiliário que o ilustre professor Dr. Angelo da Fonseca, Director dos Hospitais da Universidade, lhe oferece pronta para daqui a três meses. Esta casa não é absolutamente apropriada ao seu fim, porque se trata duma adaptação, não se podendo tornar amplamente desafogada e com iluminação irrepreensível; contudo serve eficazmente, tem divisões em número suficiente, é central, de fácil acesso e poderia satisfazer mesmo uma população muito maior do que a de Coimbra.

Os Hospitais da Universidade dão tudo — casa, mobiliário, enfermeiros, etc. — sem saírem das suas atribuições, porque o Dispensário funciona também como consulta externa de tuberculose, e esta é de sua obrigação; mas o que elle faz e a isso não é obrigado, é fornecer a instalação privativa para essa consulta.

Junto de cada Dispensário é de necessidade uma instalação radiológica e um laboratório de análises: pois os serviços destes dois Laboratórios da Faculdade de Medicina estão assegurados, apenas com indemnização das chapas fotográficas ou de reagentes dispendiosos, sendo tudo o mais gratuito, isto é, os exames radioscópicos, as análises de expectoração e todas as que forem necessárias.

Quando a A. N. aos T. puder instalar definitivamente o Dispensário poderia montar esses laboratórios na própria casa do Dispensário.

Emquanto a pessoal, que poderá constar de um director, 2 médicos adjuntos, assistentes da Faculdade, fáceis de recrutar, e duma enfermeira-visitadora, eu desde já chamo a atenção de V. Ex.^a para o seguinte ponto: o Dispensário preencherá ou não os seus fins segundo a enfermeira-visitadora cumprir ou não com os seus deveres: assim como o Dispensário é o eixo de toda a organização anti-tuberculosa, assim a enfermeira-visitadora é o eixo do Dispensário.

Depois, e sendo possível, ao mesmo tempo que o Dispensário, torna-se necessário o Hospital-Sanatório.

¿Onde instalá-lo, desde que a A. N. aos T. não quere ou não pode construí-lo de novo, e pretende a adaptação dum edificio do Estado?

O ilustre Director dos Hospitais da Universidade, de acôrdo com as aspirações da Faculdade de Medicina, que por vezes tem instado pela construção dum pavilhão para tuberculosos nos Lázaros, faculta à A. N. aos T. uma ala deste antigo hospital, onde se podem instalar duas ou três enfermarias, depois de prévia adaptação, as quais ficariam sob a administração dos Hospitais da Universidade nas condições que facilmente se ajustariam.

Vantagens desta solução: economia em todos os sentidos — de pessoal técnico, auxiliar e de administração —; situação central, de fácil acesso, no ponto mais elevado da cidade, com vistas admiráveis e facilmente aproveitável para o ensino da Faculdade.

Mas os inconvenientes são muitos, é necessário patenteá-los, mesmo para ressaltar responsabilidades: falta de terreno, junto do edificio, para recreio dos doentes; pouco sol na fachada poente; encravamento no meio de outros serviços hospitalares; dificuldade de ampliar devidamente os Hospitais da Universidade que têm absoluta necessidade do seu alargamento para aquele lado.

Os inconvenientes são evidentemente superiores às vantagens. Mas ou a A. N. aos T. consegue melhor edificio, e não há que hesitar; ou não o consegue, e mais vale esta solução do que nenhuma. Com boa vontade, mesmo nesta casa, se pode fazer muito. De resto, ao menos provisória, parcial e temporariamente, resolvía o problema da assistência aos tuberculosos nesta cidade.

Em Coimbra os edificios do Estado estão ocupados. Há um, porém, que seria fácil de desocupar, o qual já foi alvitado e se prestava admiravelmente a este fim: é o edificio de Santa Teresa, onde actualmente está uma Companhia de Saúde.

Este edificio tem situação esplêndida, no afamado Penêdo da Saudade, com alguns milhares de metros de

terreno livre, desafogado de todos os lados, e até por assim dizer já com o esboço de aprazíveis balcões de cura!

Precisa, porém, de ser adaptado. Tal como está nem para os soldados da Companhia de Saúde é tolerável. Certamente que os seus officiaes de bom grado o trocariam por outro alojamento mais confortável.

Fácil era alojar a Companhia de Saúde no edificio das Ursulinas, onde está o Hospital Militar, e aí ficaria no seu lugar próprio. Mas que não fôsse lá: há ainda o quartel da Sofia, antigo quartel de um regimento, e que hoje é apenas duma Companhia de Administração Militar. A importância que o Ministério da Guerra terá de gastar para tornar o edificio de Santa Teresa habitável, por certo chegará para melhorar o edificio das Ursulinas ou da Sofia e transferir para lá a Companhia de Saúde.

De resto, das quatro alas do edificio de Santa Teresa apenas uma ou duas estão occupadas.

Para Coimbra e para a A. N. aos T. quanto ao contrário é necessário e útil este edificio! Só o actual edificio daria para mais de 200 doentes, podendo de futuro edificar-se na cêrca mais pavilhões. Dentro de pouco será o local servido por eléctrico e então se poderia passar para lá o Dispensário, se nisso se reconhecesse vantagem.

Quando se quisesse que o Hospital ficasse sob a administração dos Hospitais da Universidade, a sua situação seria semelhante à da Clínica Dr. Daniel de Matos, que também está no mesmo bairro.

Em conclusão: o edificio do Estado que ao presente melhor se presta para hospital de tuberculosos e ao mesmo tempo me parece ser mais fácil de desocupar é o de Santa Teresa.

Mas, repito, não podendo a A. N. aos T. conseguir este ou outro edificio, entendo que o dos Lásaros deve ser aproveitado.

Emquanto ao custo da adaptação dum e doutro, não me posso pronunciar, por não ser da minha competência, mas creio que para o mesmo número de doentes a adaptação de Santa Teresa não ficaria mais cara do que a dos Lásaros.

Depois do Hospital-Sanatório terá a A. N. aos T. de estabelecer um sanatório que, para ficar junto de Coimbra, deverá ser de pequena altitude.

Para isso os arredores de Coimbra oferecem óptimas condições, mas o local preferível, e que é esplêndido, é o do chamado Picôto dos Barbados, com cêrca de 200 metros de altitude, a uns três ou quatro quilómetros da cidade, de fácil acesso e onde em futuro próximo irá a viação eléctrica; sítio admirável, com as mais aprazíveis vistas, tão úteis à cura de repouso, já hoje conta uma certa população que aí se vai fixando à procura de ares puros e mais ainda atraída pela beleza da paisagem que lá se disfruta.

Se a A. N. aos T. quisesse desde já adquirir um edificio no local, com largo terreno, o qual servisse de núcleo ao futuro sanatório, talvez lhe não fôsse isso difficil.

Este sanatório, fácil, económico e útilmente poderia ser dirigido e servido tènicamente por pessoal universitário e a sua administração estar ligada à do Hospital-Sanatório, o que barateava o seu sustento. De mais poderia ser concomitantemente uma escola para os alunos de Medicina, que o mesmo é dizer que seria uma escola para o país, onde infelizmente ainda há localidades em que se desconhecem os rudimentos da cura higiênica da tuberculose.

Os recursos laboratoriais de Coimbra ficariam da mesma maneira ao alcance do sanatório enquanto elle próprio não dispusesse d'esses auxiliares.

Mas não basta tratar dos doentes e isolá-los; não é menos valioso preservar os sãos, especialmente as crianças, ameaçadas do contágio pela convivência com tuberculosos.

Ainda quando a A. N. aos T. não pudesse de principio prover à organização de institutos próprios, há em Coimbra algumas instituições de beneficência que, asseguradas de não correr perigo os seus internados, se prestarão certamente da melhor vontade a recolher essas crianças, dentro dos seus recursos e, naturalmente, quando os não tiverem, com modesto subsídio da A. N. aos T.

Não me parece também difficil ensaiar a colocação familiar das crianças, nos subúrbios de Coimbra, com fácil e segura vigilância.

São estas muito em resumo as considerações que de momento julgo oportuno apresentar ao elevado critério de V. Ex.ª.

Para que V. Ex.ª possa conhecer o grande interêsse da digna Direcção dos Hospitais da Universidade, por este assunto, junto a inclusa cópia dos officios que com ela troquei.

Não é por esquecimento que me não refiro ao auxilio pecuniário que há a esperar, para obra tão útil, da beneficência particular: certamente que não faltará, e em larga escala, mas mais do que esse auxilio material me parece necessário o auxilio moral. Se houver boa vontade, colaboração espiritual de todos, a obra da tuberculose em Coimbra será coroada de êxito.

Creio ter indicado, ainda que muito resumida e deficientemente, as possibilidades e facilidades de Coimbra e seu termo na luta contra a tuberculose. Mas para além de Coimbra, e não muito longe, ainda deverá esta-

belecer-se um sanatório de média altitude e um sanatório marítimo, os quais interessam naturalmente outras circunscricões, mas que de Coimbra, como centro intelectual, devem receber a inspiração.

Resta-me agradecer a distinção que V. Ex.^a me conferiu lembrando-se do meu obscuro nome para estes ligeiros informes e apresentar-lhe os protestos da minha mais subida consideração.

Saúde e Fraternidade. — Coimbra, 25 de Janeiro de 1928. — a.) *A. V. Campos.*

O plano de profilaxia anti-tuberculosa a realizar em Coimbra que antes de mais ninguém eu tracei e propus à A. N. aos T. comportava portanto o seguinte:

1 Dispensário anti-tuberculoso nos Hospitais da Universidade;

1 Hospital-Sanatório nos limites da cidade e, quando isso não fôsse possível, um Hospital ou um serviço privativo de tuberculosos no centro da povoação;

1 pequeno Sanatório suburbano;

A colocação familiar e preventórios para a profilaxia da infância;

1 Sanatório de média altitude não muito longe de Coimbra;

1 Sanatório marítimo, também dentro do distrito.

Entendia eu então, como agora, que era gravíssimo erro atrair a Coimbra e proximidades doentes de tuberculose que não pertencessem à região.

Coimbra é, acima de tudo, um centro *nacional* de estudos, com numerosíssima população de académicos, a grande maioria dos quais vive longe de suas famílias; por maiores cuidados que haja, os riscos de contágio são inevitáveis, se os doentes na sua passagem para sanatórios e hospitais tiverem necessidade de se albergar na cidade e se, como é natural, aproveitarem a ocasião para visitar monumentos, edificios públicos e locais agradáveis.

Coimbra, porém, não é só cidade de estudantes, mas também de turismo, e local forçado de intenso trânsito servindo uma extensa e populosa região da Beira, o que tudo condena a presença aqui de outros tuberculosos além daqueles que por serem de localidades próximas não podem com razão ser recusados. De resto, por esse país fora há muitos locais que oferecem aos tuberculosos maiores vantagens, de clima e outras, e onde não há igual perigo de difusão da doença nem semelhante prejuízo de descrédito da sua salubridade.

Por outra parte, também eu entendia então, como agora, que sendo necessário dispendir larguíssimas somas no combate à tuberculose, mais necessário também se tornava economizar o mais possível tanto na instalação como no funcionamento dos estabelecimentos anti-tuberculosos, pelo que se recomendava particularmente o aproveitamento do pessoal e laboratórios da Faculdade e dos Hospitais da Universidade, com o que se podiam economizar centenas de contos anualmente, além de que havia a certeza de assim utilizar os elementos mais idóneos.

O projecto que enviei à A. N. aos T. foi bem acolhido e logo presente à Comissão de Hospitalização dos Tuberculosos que imediatamente tratou de iniciar a sua execução para o que solicitou a cedência do edificio de Santa Teresa; infelizmente, devido a circunstâncias que não vem para aqui mencionar, algumas entidades da cidade principiaram a manifestar-se contra a escolha daquele edificio, seguindo-se depois uma forte campanha de propaganda anti-tuberculosa que levámos a efeito em defesa daquele projecto e também para despertar o interesse do público.

Nessa campanha tivemos a satisfação de ver a nosso lado as duas corporações técnicas da cidade — a Faculdade de Medicina e a Associação dos Médicos do Centro de Portugal — assim como o numeroso público que acorreu a ouvir as conferências realizadas nas Associações Académica e dos Artistas.

Também pouco tempo depois apresentei o referido plano de profilaxia, apenas retocado, à sanção do III Congresso Nacional de Medicina, realizado em Lisboa, e aí, depois de discutidas as minhas comunicações, sob proposta do Ex.^{mo} Director Geral de Saúde, Dr. José Alberto de Faria, a Secção de Higiene e de Medicina Preventiva *resolveu diligenciar que as suas conclusões constituíssem matéria de votos a emitir pelo Congresso.*

A execução do plano, na parte que de mim dependia, — a criação do Dispensário — foi por assim dizer imediata.

Não esperei que o Ex.^{mo} Director dos Hospitais tivesse pronta a instalação que destinava ao Dispensário: no meu pequeno Gabinete, junto ao Laboratório de Análises Clínicas, em poucos dias ficou a funcionar.

Em 21 de Maio de 1928, publicava o Dispensário a sua primeira circular, largamente distribuída na cidade, annunciando que já funcionava e convidando os doentes a socorrerem-se dêle, nos seguintes termos:

«As consultas são diárias, às 11 e às 14 horas.

As consultas, os medicamentos, o tratamento pelo pneumotorax e outros, incluindo o cirúrgico, as análises de Laboratório e os exames pelos Raios X são gratuitos.

Os doentes da cidade, que não possam pelo seu estado comparecer no Dispensário, serão visitados gratuitamente por um médico.

Êste Dispensário é patrocinado pela Faculdade de Medicina, pelos Hospitais da Universidade, pela Obra da Tuberculose de Coimbra e pela Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Os médicos e restante pessoal não recebem qualquer remuneração pelos seus serviços».

Desde o primeiro dia a concorrência de doentes foi notável. A-pesar-de inicialmente não dispormos de espaço suficiente, a boa vontade de todos — pessoal clínico, dos Laboratórios de Análises Clínicas e de Radiologia, de Farmácia e de Enfermagem — supriu as deficiências de instalação, dando inteira satisfação ao público.

Naquele pequeno Gabinete estivemos trabalhando bastantes meses até se ultimarem as dependências do Hospital do Castelo que o Ex.^{mo} Director dos Hospitais primeiro destinou ao Dispensário; feita a mudança, ao fim de algum tempo tivemos novamente de mudar para a instalação definitiva que actualmente ocupa o Dispensário no mesmo Hospital.

Dispondo agora de quatro salas para consulta, tratamento e arquivo, de uma dependência para os Raios X e de outra para a Farmácia, e de um vasto e bem iluminado recinto onde os doentes esperam a sua vez, o Dispensário está em condições de poder atender o numeroso público que solicita os seus serviços.

Para se poder apreciar a sua acção, publicamos a seguir a estatística do seu movimento no último ano.

**Doentes inscritos no Dispensário desde Maio de 1928
até 31 de Dezembro de 1931**

	Homens	Mulheres	Total
Tuberculosos ou suspeitos	1008	1647	2655
Não tuberculosos mas sofrendo de outras doenças	345	872	1217
Total	1353	2519	3872

Movimento do Dispensário no ano de 1931

	Homens	Mulheres	Total
Tuberculosos ou suspeitos, inscritos pela 1. ^a vez	334	459	793
Não tuberculosos	95	291	386
Total	429	750	1179

Consultas pela 1. ^a vez	1179
» repetidas	2739
Pneumotorax	310
Outros tratamentos (injecções, etc.)	2882
Fórmulas de medicamentos distribuídos gratuitamente	6898
Exames: de expectoração, radiológicos, de urinas, W, etc.	3028
Visitas domiciliárias	76

Para o Dispensário poder preencher cabalmente o seu fim falta-lhe um elemento de valor: a enfermeira-visitadora ou, melhor dizendo, a visitadora de higiene.

Por enquanto não há no País, suficientemente habilitadas, estas imprescindíveis profissionais; quando as houver, diligenciaremos por aproveitar os seus serviços, se para tanto tivermos recursos. Realmente a situação financeira do Dispensário não corresponde aos benefícios que presta. As suas despesas limitam-se hoje, por não ter para mais, ao que gasta com os medicamentos dados aos doentes, e só esta verba atinge mensalmente cerca de 800 a 1000 escudos ou sejam dez a doze contos por ano.

É a «Obra da Tuberculose de Coimbra», benemérita associação de beneficência, que ocorre a esta despesa. Alguns donativos que oferecem ao Dispensário várias associações populares de Coimbra e alguns outros que tem recebido da Junta de Almedina, da Polícia e do Governo Civil, revertem geralmente para a «Obra da Tuberculose», que bem carece de auxílio.

Ao Dispensário é prestado gratuitamente e da melhor vontade todo o serviço clínico e de análises e exames dos Laboratórios de Análises Clínicas e de Radiologia, assim como pelo pessoal dos hospitais o serviço de enfermagem e de farmácia.

Se não fôsse o concurso desinteressado de tantos colaboradores prestimosos, impossível se tornaria manter esta instituição sem uma despesa anual de muitas dezenas de contos.

Não dispondo nesta ocasião de melhor meio de render modesta homenagem a quantos contribuem para a sustentação do Dispensário aqui lhes deixamos consignado o nosso agradecimento, devendo especializar:

— A Faculdade de Medicina de Coimbra pelo apoio moral com que nunca lhe faltou;

— O ilustre Director dos Hospitais da Universidade, Ex.^{mo} Prof. Angelo da Fonseca, que desde o princípio tomou parte notável na sua criação e actualmente lhe presta o valioso auxílio que depende dos Hospitais;

— A «Obra da Tuberculose de Coimbra», que tem sido presidida pelos ilustres professores Ex.^{mos} Srs. Drs. Rocha Brito e Almeida Ribeiro, a qual fêz do Dispensário o seu principal objectivo;

— Os ilustres professores auxiliares e agregados Ex.^{mos} Srs. Drs. Lúcio de Almeida, Vaz Serra e Mário Trincão, e ilustres assistentes Ex.^{mos} Srs. Drs. Guilherme de Oliveira, Matos Beja e Francisco Batoreu, pelos seus relevantes serviços clínicos;

— Os chefes de Laboratório Ex.^{mos} Srs. Drs. João M. Ladeiro e Fernandes Ramalho, assim como o respectivo pessoal seu subordinado, que com todo o cuidado tem executado as análises e exames que diariamente são requisitados;

— E o pessoal de Farmácia e de Enfermagem dos Hospitais da Universidade que tem contribuído com dedicação para a boa execução dos serviços.

É a acção conjugada de tôdas estas beneméritas entidades, que as classes populares de Coimbra devem a assistência que lhes presta êste Dispensário.

Coimbra, Março de 1932.

A. Vieira de Campos.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRAS REALIZADAS DESDE 1913 a 1932

Apresentamos hoje o relato circunstanciado das obras realizadas nos Hospitais da Universidade de Coimbra nestes últimos 20 anos.

É um documento que deve interessar tôda a gente: não só aos que vêem naquele estabelecimento apenas o poderoso instrumento de assistência, mas também e principalmente aos que o consideram além de tudo, um dos elementos indispensáveis à integridade Universitária.

De facto — sem grandes Hospitais não podem manter-se os ensinos de uma Faculdade de Medicina. E sem a Faculdade de Medicina, não há Universidade: ¿E o que seria de Coimbra sem a sua Universidade?!

É preciso encarar o problema assim, na sua máxima latitude, para vermos da importância social dêste empreendimento em que o acaso nos envolveu a partir de 4 de Fevereiro de 1910, quando o nosso saudoso amigo, Dr. António José de Almeida, então Ministro do Interior do Governo Provisório, nos impôs a Direcção dos Hospitais.

A publicação dêste documento visa ainda um outro fim, ou seja o de tornar pública a forma como foram applicados os dinheiros da Nação, nas obras realizadas.

Se é certo que os Tribunais competentes já deram o seu veredicto a tais contas, é, todavia, bem verdade ser nosso desejo que todos fiquem conhecendo o preço dos diversos edificios — uns novos e outros reconstruídos, que formam hoje êsse poderoso núcleo de assistência, êsse formidável instrumento de ensino.

Pusemos neste empreendimento o nosso maior esforço, aliás despido de todo o interesse, no desejo de bem servir a assistência na doença e a Faculdade de Medicina nos seus estudos.

O futuro há-de julgar desta obra — tão modesta como modesta é a pobreza que procura socorrer; tão simples na forma, como de linhas simples é composta a architectura dos seus edificios; mas tão grande na essência que pretende atingir, como é grande tudo o que tem em vista o aperfeiçoamento do ensino, o desenvolvimento da ciência, a solução, enfim, de altos e nobres problemas sociais.

As obras dos Hospitais da Universidade foram realizadas:

I — Com verbas inscritas no orçamento do Ministério das Obras Públicas e Comunicações:

- a) Administradas pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra (anos económicos de 1913-1914 a 1921-1922).
- b) Administradas pela Comissão Autónoma (anos económicos de 1922-1923 a 1931-1932).

II — Com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos (anos económicos de 1927-1928 a 1931-1932).

As verbas inscritas no orçamento privativo dos Hospitais provêm de economias realizadas pela mais severa administração.

Assim, conseguimos apurar nestes 5 anos 3.675.863\$39 para serem aplicados em obras de vulto, conforme o indica o mapa III e seu desenvolvimento.

Tudo foi realizado sem afectar a assistência aos doentes que procuraram os nossos Hospitais. Contrariamente, as dietas têm sido sucessivamente melhoradas e, aumentadas as lotações dos seus diversos serviços.

É o que demonstra o mapa IV, pelo qual se vê que:

no ano económico de 1920-1921 a existência média de doentes era de	353
no ano económico de 1931-1932 a existência média de doentes era de	552
no ano económico de 1920-1921 a existência máxima de doentes era de	403
no ano económico de 1931-1932 a existência máxima de doentes era de	602
no ano económico de 1920-1921 doentes tratados.	2.871
no ano económico de 1931-1932 doentes tratados.	5.275
no ano económico de 1920-1921 doentes inscritos nas Consult. Exter.	1.869
no ano económico de 1931-1932 doentes inscritos nas Consult. Exter.	4.103
no ano económico de 1920-1921 número de consultas e tratamentos. .	16.853
no ano económico de 1931-1932 número de consultas e tratamentos. .	60.712

A eloquência destes números é bem elucidativa, pondo em evidência o notável progresso dos nossos Hospitais nestes últimos 10 anos.

Assim, o número de doentes internados subiu de 2.871 para 5.275 e o número de tratamentos nas Consultas Externas passou de 16.853 para 60.712.

Por outro lado, vemos que pelo Ministério das Obras Públicas foram dispendidas verbas na importância de:

de 1913-1914 a 1926-1927.	1.077.854\$45
de 1927-1928 a 1931-1932.	779.715\$15
Num total de	1.857.569\$60

Pelos orçamentos privativos dos Hospitais dispenderam-se de 1927-1928 a 1931-1932 3.675.863\$39.

Estas últimas verbas, se por um lado revelam o esforço administrativo da Direcção dos Hospitais, por outro representam uma generosa protecção dispensada a este estabelecimento pela actual situação política.

É, pois, chegado o momento de apresentar em nome desta Instituição de assistência e ensino a Sua Ex.^a o Senhor Presidente do Ministério e Ministro das Finanças, o Ilustre Professor da nossa Universidade, Dr. António de Oliveira Salazar, com os nossos melhores agradecimentos, as homenagens da nossa admiração e do nosso mais profundo reconhecimento.

I

**VERBAS INSCRITAS NO ORÇAMENTO
DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES**

a) — Obras realizadas pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

A primeira verba consignada no orçamento do Ministério das Obras Pública e destinada a obras nos Hospitais da Universidade foi inscrita no ano económico de 1913 a 1914,

na importância de 12.122\$00 e destinada à construção de retretes e casas de banho do Hospital do Colégio das Artes.

As condições higiénicas em que naquela data se encontravam os Hospitais eram o pior que pode imaginar-se.

Em todo aquele edificio, onde havia cerca de 130 doentes, existia apenas uma retrete no 2.º andar na ala do poente, que por sinal não tinha janela nem ventilação e, esta mesmo, reservada ao pessoal.

Para os doentes, tanto no 1.º como no 2.º pavimento, existiam uns buracos imundos nos limites dumas casas de operações e ao lado da capela, na fachada nascente do edificio.

Em face de tão lamentável situação, e, sendo Administrador dos Hospitais o saudoso Professor Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, conseguimos do Govêrno um subsídio destinado a melhorar estas detestáveis condições higiénicas.

Era Director das Obras Públicas do Distrito de Coimbra o Engenheiro Paulo de Barros Pinto Osório, funcionário distintíssimo, que encarregou o condutor Monteiro de Figueiredo de organizar o projecto e orçamento das casas de banho e retretes dos Hospitais do Colégio das Artes.

Esta obra foi executada pelo empreiteiro José Silva.

No ano económico seguinte 1914-1915 e pelo orçamento do referido Ministério foi gasta a verba de 13.139\$51. Com ela se pagou a primeira instalação eléctrica de certo vulto que se montou em Coimbra.

Reconhecido de facto que não era possível à Faculdade de Medicina prescindir de um serviço condigno de Raios X e electricidade médica, era indispensável montar uma central eléctrica que ao mesmo tempo que servia os Raios X, iluminasse os edificios dos Hospitais.

Foi a casa Harker, Sumner e C.^a, do Pôrto que fêz essas instalações e que foram pagas por esta verba orçamental na importância de 9.000\$00.

Adquiriu-se a caldeira Garreth com máquina anexa, dínamo, quadro de distribuição, bateria, etc. para corrente contínua de 110 W.

Esta caldeira de vapor sobre-aquecido, ao mesmo tempo que servia para carregar a bateria e iluminar o edificio, fornecia o vapor às cozinhas e com ela pela primeira vez o vapor foi conduzido às centrais de esterilização.

Como obras de construção civil neste ano, foi feita uma escada de ligação interna do pavimento da cozinha com o 1.º andar e regularizado um terraço a nascente, tudo na importância de 1.839\$94.

Fêz-se um cano de esgôto das retretes da cozinha, fachada norte, para o colector da Rua Abilio Roque, na importância de 479\$58.

Modificou-se um salão e fizeram-se novos quartos no primeiro pavimento na importância de 1.819\$99.

Estas obras foram feitas pelo empreiteiro Augusto Lopes.

No ano económico de 1915-1916 pelo orçamento do mesmo Ministério foi dispendida a verba de 9.240\$67.

Neste ano comprou-se a caldeira Babcock na importância de 3.799\$79, adquirida em concurso público, e construiu-se a chaminé em que se gastou 1.449\$78.

Os empreiteiros António dos Santos e José Silva fizeram as seguintes obras: Novos quartos no vão do telhado ao sul, na importância de 497\$86; reforma da casa de lavagem de louça e ampliação da dispensa 3.043\$42; e finalmente um caixilho de ferro entre o corredor e a casa da caldeira no valor de 449\$82.

Continuava Director das Obras Públicas do Distrito de Coimbra o Engenheiro Paulo de Barros.

Em 13 de Março de 1916 tomou posse do lugar de Administrador dos Hospitais o

Professor Luís dos Santos Viegas, que muitos e valiosos serviços prestou a este estabelecimento durante a sua gerência.

No ano económico de 1916-1917, pelo mesmo orçamento das Obras Públicas, gastou-se 19.315\$08.

Fizeram-se obras no Colégio das Artes no valor de 13.002\$04 e no Hospital de S. Jerónimo, no valor de 2.817\$77 e o restante (3.495\$27) foi gasto com instalações da caldeira a vapor, pára-raios e diversas canalizações.

Estas verbas foram dispendidas por contracto com o empreiteiro António Maia e por administração directa.

Neste ano realizaram-se os primeiros concursos para as obras de construção do edificio da Lavandaria.

O primeiro teve lugar em 21 de Maio de 1917 e ficou deserto, sendo realizado outro em 27 de Junho do mesmo ano e então apareceram três concorrentes: José Silva, António Maia e António Simões Misarela.

A proposta mais vantajosa foi a do empreiteiro António Maia, pois assim o julgou o Engenheiro Director Paulo de Barros, que infelizmente faleceu neste ano, deixando as melhores recordações na memória de todos os que com elle privaram, sobretudo na Direcção destes Hospitais, que lhe ficou devedora dos mais relevantes serviços pela forma justa e gentilissima do seu procedimento.

No ano económico de 1918-1919 a verba de 14.982\$34 foi dispendida pela forma seguinte:

7.000\$00, no edificio de S. Jerónimo, comêço da construção do novo andar dos Quartos Particulares, Secretaria, Casa de Aula, etc.

7.982\$34, no Colégio das Artes.

Foi empreiteiro destas obras, António Maia.

Era Director das Obras Públicas do distrito de Coimbra o Engenheiro Xavier da Cunha.

Foi neste ano que, com alguns muros de suporte construídos na cêrca dos Hospitais, tiveram início as obras da Lavandaria.

Em 8 de Abril de 1919 houve novo concurso para a continuação das obras da Lavandaria e das obras do Hospital de S. Jerónimo, — construção do 2.º andar, Secretaria, Casa de Aula, etc.

Houve três concorrentes: José Silva, António Maia e António Simões Misarela.

A proposta mais vantajosa foi a do construtor António Maia, assim o julgou o Director das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo Augusto Xavier da Cunha.

No ano económico de 1919-1920, depois da visita do Senhor Presidente da República, o grande cidadão e nosso muito saudoso amigo Dr. António José de Almeida, a Coimbra, o Ministro das Obras Públicas — Engenheiro Senhor Ernesto Navarro que o acompanhava, impressionado com as obras dos Hospitais, ao chegar a Lisboa, espontâneamente concedeu a verba de 100.000\$00, para a constinuação das mesmas obras.

Desta verba 802\$18 foram gastos no Colégio das Artes, 62.000\$00 no Colégio de S. Jerónimo, e 37.197\$82 no edificio da Lavandaria.

Em 2 de Janeiro de 1920 tomou posse do lugar de Director dos Hospitais o Professor João Duarte Oliveira, a quem este estabelecimento ficou devendo numerosos serviços.

No ano económico de 1920-1921 ficou consignada no orçamento a mesma verba do ano anterior, que foi gasta em trabalhos de fundações destinadas a suportar barreiras da cêrca dos Jesuítas e a servir de alicerce ao edificio da Lavandaria em construção.

b) — Obras realizadas pela Comissão Administrativa Autónoma

Em 17 de Outubro de 1920 foi publicado o Decreto n.º 7.038 sôbre a organização da Administração Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Os serviços externos dos Edifícios e Monumentos Nacionais foram, por virtude desta lei, confiados a duas Direcções uma com sede no Pôrto e outra em Lisboa.

Desta forma os Hospitais ficaram pertencendo à Circunscricção do Norte, e nas suas obras começou a interferência do Director dos Edifícios da Circunscricção do Pôrto.

A partir dêste momento ficaram suspensos todos os trabalhos, a despeito dos esforços que empreendemos no sentido de conseguir a continuação das obras iniciadas.

Infelizmente nada conseguimos, e por isso não se fizeram obras no ano económico de 1921-1922.

Na impossibilidade, porém, de vencer tantas resistências, tantas formalidades, tantas más vontades da Direcção do Norte, solicitámos do Govêrno a organização de uma Comissão Administrativa Autónoma, para as Obras dos Hospitais da Universidade, nos termos do art. 25.º do citado Decreto n.º 7.038, de 17 de Outubro de 1920 e, com efeito, em 1 de Fevereiro de 1923 foi publicado o Decreto n.º 8.606 que criou a aludida Comissão.

Foi o Engenheiro Eduardo Pio Soares Leite o primeiro Director técnico nomeado por despacho de 6 de Fevereiro de 1923 que serviu nesta Comissão.

Êste distintíssimo funcionário trabalhou com zêlo, competência e dedicação. Não houve mais dificuldades, todos os trabalhos seguiram com regularidade durante a sua gerência, infelizmente curta, pois que abandonou esta cidade, sendo exonerado a seu pedido, por portaria de 7 de Agôsto de 1924, seguindo para Lisboa onde foi colocado.

No ano económico de 1922-1923 dispendeu-se em obras no Hospital de S. Jerónimo (Quartos Particulares, Secretaria, Casa de Aula, Sala de Operações, etc.) 46.931\$58.

E no edificio da Lavandaria 49.076\$70. Total 96.008\$28.

No ano económico de 1923-1924 a verba dispendida foi de 82.423\$03.

Desta verba 78.696\$08 foram gastos no Hospital do Colégio de S. Jerónimo e 3.726\$95 no edificio da Lavandaria.

Em 28 de Janeiro e em 6 de Fevereiro de 1924 abriram-se concursos para a construção de pavimentos e terraços de cimento armado sôbre os claustros de S. Jerónimo; porém o Engenheiro Soares Leite resolveu fazer esta obra por administração.

No ano económico de 1924-1925 dispendeu-se 217.576\$97 no Hospital de S. Jerónimo nas obras acima referidas, quartos particulares, salas de operações, secretaria, etc.

Em 3 de Março de 1925 foi feito concurso para obras por tarefas operárias e consignados estes trabalhos ao construtor António Maia.

O Director técnico que resolveu esta adjudicação foi o Engenheiro Senhor João de Sousa Tudela, nomeado por despacho de 17 de Setembro de 1924 e que sempre desempenhou as funções dêste cargo com zêlo, competência e o maior interêsse pelos serviços.

No ano económico de 1925-1926 gastou-se 173.333\$34 nas obras do Hospital de S. Jerónimo.

Em 15 de Junho e em 3 de Outubro de 1926 abriram-se concursos para diferentes trabalhos que foram adjudicados ao construtor António Maia, sendo Director técnico o Engenheiro Sousa Tudela.

No ano económico de 1926-1927 a verba dispendida no Hospital de S. Jerónimo foi de 239.850\$00.

Em 22 de Setembro de 1927 houve concurso para obras na Lavandaria.

Apareceram três concorrentes, mas só duas propostas foram abertas em virtude da terceira não ter dado entrada na data estabelecida para o concurso.

Foram concorrentes os srs. Fernando Silva e António Maia.

Verificou-se que a proposta mais favorável era a de António Maia a quem o Engenheiro Senhor João Rangel de Lima, nomeado Director técnico da Comissão das Obras dos Hospitais por portaria de 20 de Maio de 1927, adjudicou estes trabalhos.

No ano económico de 1927-1928 dispendeu-se na Lavandaria 179.729\$28.

Em 6 de Agosto de 1928 fêz-se novo concurso para a continuação das obras da Lavandaria, levantamento de um andar e águas furtadas sobre o edificio em construção, bem como para a cobertura do mesmo edificio, construção de vigas e pavimentos de cimento armado nos andares inferiores.

Foi único concorrente o construtor António Maia, sendo a sua proposta aprovada, por satisfazer às exigências do caderno de encargos, segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1928-1929 gastou-se 149.999\$98 nas obras da Lavandaria.

Em 20 de Abril de 1929 abriu-se concurso para a conclusão das obras da Lavandaria, sendo único concorrente o construtor António Maia, que satisfêz às exigências do caderno de encargos e por isso lhe foram adjudicados estes trabalhos por proposta do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1929-1930 gastou-se, com a continuação das obras da Lavandaria, a importância de 149.987\$38.

No ano económico de 1930-1931 gastou-se 149.998\$54 no Hospital de S. Jerónimo, com a reforma da casa da Aula, Laboratório, Sala de Operações, Quartos Particulares (2.º pavimento).

Em 25 de Agosto de 1930 foi feito concurso para a conclusão das obras dos Quartos Particulares no Hospital de S. Jerónimo.

Foi único concorrente o construtor António Maia, sendo a sua proposta aprovada, por estar de harmonia com as condições estabelecidas no mesmo concurso, segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1931-1932 gastou-se 149.999\$97 no Hospital de S. Jerónimo.

Não se fêz concurso em virtude destes trabalhos serem a continuação da empreitada de 1930.

Pelo Decreto n.º 16.791 de 26 de Abril de 1929 publicado no *Diário do Governo*, I série, n.º 97, as obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais ficam a cargo do organismo denominado Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com duas direcções uma ao Norte e outra ao Sul, ambas submetidas a uma Repartição Central.

De harmonia com este Decreto foi remodelada a Comissão Administrativa das Obras dos Hospitais da Universidade de Coimbra, por portaria de 18 de Março de 1932, ficando assim constituída.

Director dos Hospitais, Contabilista dos Hospitais, Director dos Edifícios Nacionais do Norte.

Em 1 de Abril de 1932 o Director dos Edifícios do Norte participou à Direcção dos Hospitais que, em 4 daquele mesmo mês, viria a Coimbra para se instalar a Comissão.

De facto, naquele dia, o aludido Engenheiro visitou os Hospitais e verificou as obras realizadas.

A verba estava gasta e as medições feitas — tudo documentado.

Estávamos no princípio de Abril. A Direcção dos Edifícios do Norte requisitou, em 23 de Julho, a importância de 147.598\$41 para pagamento das obras concluídas e medidas havia, aproximadamente, 4 meses.

II

OBRAS REALIZADAS COM VERBAS INSCRITAS NOS ORÇAMENTOS PRIVATIVOS DOS HOSPITAIS

A partir do ano económico de 1927-1928, foram inscritas no orçamento privativo dos Hospitais verbas destinadas a obras, e provenientes de economias realizadas por esta administração.

Assim, naquele mesmo ano, gastou-se em obras nos Hospitais do Castelo, S. Jerónimo, Colégio das Artes, etc. Esc. 277.478\$63.

Abriu-se os seguintes concursos de arrematação de obras:

Em 27 de Janeiro de 1928, concurso para as obras de construção do cano de esgôto que, partindo da claraboia a norte da cosinha geral, vai ligar com o cano de esgôto, da Rua Abílio Roque. Foram concorrentes os construtores António Maia e Joaquim Alves. A adjudicação foi feita ao construtor António Maia, segundo o parecer de Chefe de Obras, Benjamim Ventura;

Em 30 de Março de 1928, concurso de reparações no edificio do Hospital dos Lázaros. Foi único concorrente o construtor António Maia, cuja proposta foi aprovada, segundo o parecer do mesmo Chefe de Obras, Benjamim Ventura, por satisfazer plenamente ao caderno de encargos;

Em 29 de Junho de 1928, concurso para o fornecimento de materiais e mão de obra para a instalação de Roentgenterapia Profunda, tendo concorrido apenas o construtor António Maia. A sua proposta teve o parecer favorável do Chefe de Obras, Benjamim Ventura, por análogamente satisfazer ao caderno de encargos.

No ano económico de 1928-1929 gastou-se em obras a importância de 842.807\$23.

Esta importância foi dispendida com a continuação das construções do Novo Hospital do Castelo, Lavandaria, em várias reparações nos diversos edificios dos Hospitais e bem assim, muros de suporte e depósitos para lenha e carvão, nos terrenos da cerca junto à Rua Abílio Roque.

Foi neste ano que se deu grande impulso às obras do Hospital do Castelo nas quais se dispendeu 254.055\$47.

Fêz-se os seguintes concursos:

Em 26 de Março de 1929, concurso para o fornecimento de material e mão de obra para a reforma da cozinha geral; foi único concorrente António Maia, tendo a sua proposta obtido parecer favorável do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

Em 22 de Abril de 1929, concurso para a continuação das obras da Lavandaria; foi único concorrente o mesmo construtor a quem foram adjudicados estes trabalhos, por parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1929-1930 gastou-se em obras 746.783\$65, sendo esta importância dispendida em várias reparações nos edificios dos Hospitais, e muito especialmente na continuação, com bastante incremento, das obras do Novo Hospital do Castelo e da Lavandaria.

Fêz-se também na cêrca vários desaterros e arruamentos, julgados indispensáveis ao trânsito dos serviços da Lavandaria.

No ano económico de 1930-1931 gastou-se 950.578\$61. Deu-se ainda maior impulso às obras do Hospital do Castelo, nas quais se applicaram 474.738\$58.

Concluiu-se as obras da Lavandaria e fêz-se grandes reparações em todos os edificios dêstes Hospitais.

Construiu-se a caixa do elevador do Hospital de S. Jerónimo e outras obras acessórias.

Construiu-se um portal de entrada ao fundo da cêrca, e escadarias de serventia no edificio da Lavandaria.

Neste ano tiveram início várias obras que se relacionavam com a futura construção do novo edificio das Consultas Externas tais como: escavações de terrenos na barreira fronteira à fachada poente do edificio da Lavandaria, na barreira fronteira ao edificio dos Quartos Particulares, e bem assim demolição de várias paredes, muros, etc.

Em 15 de Agôsto de 1930, concurso para a construção de um muro de vedação e suporte no extremo da cêrca dos Hospitais, do lado da Rua Abílio Roque.

Foi único concorrente o construtor António Maia, ao qual foi adjudicada a empreitada por parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

Em 12 de Dezembro de 1930, concurso para obras de reparação dos edificios e obras novas, tendo concorrido apenas, o construtor António Maia, cuja proposta foi aprovada segundo parecer do Chefe de Obras, Benjamim Ventura.

No ano económico de 1931-1932, gastou-se 858.215\$27.

Continuou-se as obras do Hospital do Castelo, do Colégio de S. Jerónimo e fêz-se grandes obras de reparação no Hospital do Colégio das Artes.

Foi neste ano que teve início a construção do edificio das Consultas Externas, a-par com as outras obras que se relacionavam com esta construção, tais como: prolongamento da fachada norte nascente da Sala de Operações-homens, caixa do elevador do Hospital do Colégio das Artes, nova casa para a Central de Esterilizações, Gabinetes para os Directores das Clínicas Cirúrgicas, etc.

Só nestas obras foi dispendida a verba de 263.658\$37.

No Hospital do Colégio das Artes fêz-se obras importantes na transformação e reparação de várias enfermarias e outras dependências, tendo em vista a segurança do edificio, que nalguns pontos ameaçava ruína.

Houve um concurso em 20 de Julho de 1931 para reparações várias dos edificios e obras novas.

Foram concorrentes os construtores António Maia e Augusto Ribeiro Duarte Ralha e as propostas submetidas à apreciação e estudo do senhor Engenheiro João Rangel de Lima, em 20 de Julho de 1931, ao tempo, o último Director técnico da Comissão Administrativa das Obras.

Êste ilustre funcionário que tantos e valiosos serviços tem prestado a estes Hospitais, foi de parecer que as obras deviam ser adjudicadas ao empreiteiro António Maia.

Com este parecer se conformou a Direcção dos Hospitais, sendo a proposta de António Maia aprovada em Conselho de Ministros de 25 de Setembro de 1931.

Foi seguidamente visada pelo Tribunal de Contas, em 7 de Outubro de 1931.

Mapa n.º 1

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação	1913-1914	1914-1915	1915-1916	1916-1917	1917-1918	1918-1919	1919-1920	1920-1921	1921-1922	Total
Hospital do Colégio das Artes	12.122\$00	4.139\$51	5.440\$88	13.002\$04	-	7.982\$34	802\$18	-	-	43.485\$95
Hospital do Colégio de S. Jerónimo.	-	-	-	2.817\$77	-	7.000\$00	62.000\$00	-	-	71.817\$77
Edifício da Lavandaria a vapor.	-	-	-	-	-	-	37.197\$82	99.863\$23	-	137.061\$05
Cérca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo. .	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Hospital do Colégio das Artes: Material eléctrico, caldeira, canalizações, pára-raios . . .	-	9.000\$00	3.799\$79	3.495\$27	-	-	-	-	-	16.295\$06
Total	12.122\$00	13.139\$51	9.240\$67	19.315\$08	-	14.982\$34	100.000\$00	91.863\$23	-	268.662\$83

Desenvolvimento do Mapa n.º 1

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade
pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1913-1914		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Construção de retretes e cabines de banho	-5-	12.122\$00
Ano económico de 1914-1915		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Escada de ligação interna do pavimento térreo com o 1.º andar e regularização do pátio e terraço, a nascente.	1.839\$94	
Cano de esgotos das novas retretes e cozinha, ao norte, para o colector da Rua Abílio Roque.	479\$58	
Modificação de um salão e de novos quartos no 1.º pavimento e novo andar intermédio	1.819\$99	
		4 139\$51
Total		4 139\$51
Ano económico de 1915-1916		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Novos quartos no vão do telhado, na ala sul	497\$86	
Casa de lavagem da louça e ampliação nos serviços da Despensa.	3.043\$42	
Construção da chaminé da caldeira a vapor.	1.449\$78	
Caixilho de ferro na vedação superior da divisória entre o corredor e as casas da caldeira e drenagem das casas de peixe e louças	449\$82	
		5.440\$88
Total		5.440\$88
Ano económico de 1916-1917		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Construção de uma casa de banho e retretes no edificio da Administração	-5-	2.817\$77
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Construção da chaminé da caldeira a vapor.	112\$00	
Pavimento do corredor a ladrilho mosaico, azulejo em paredes e ferragens a assentar no pavimento inferior, junto à cozinha.	729\$91	
Reforma da cozinha geral e pavimento da Despensa	310\$00	
<i>A transportar</i>	1.151\$91	2.817\$77

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	1.151\$91	2.817\$77
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	7.537\$82	
Despensa, casa de peixe, refeitório e outros.	799\$73	
Pavimentos e esgotos da cozinha inferior.	442\$00	
Vedação e calcetamento da serventia que conduz ao Museu	438\$76	
Cobertura de dois portais na casa da caldeira e máquinas	492\$52	
Ampliação da cozinha da casa do pessoal.	466\$00	
Obras complementares na cozinha da casa do pessoal e assentamento do ascensor para transporte de alimentos para as enfermarias do 2.º pavimento	335\$00	
Pavimentos da sala de dinamos.	539\$80	
Reforma da cozinha geral e pavimento da Despensa	798\$50	13.002\$04
Total		15.819\$81
Ano económico de 1918-1919		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório e Farmácia, no 1.º piso, sala de operações, novos quartos, Secretaria, no 1.º andar, e levantamento de 1 andar.	-\$-	7.000\$ 00
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Alvenaria em fundações para consolidação de terrenos	2.648\$56	
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	4.345\$00	
Assentamento de azulejo nos corredores e vestibulo da parte do edificio aproveitado para quartos particulares.	988\$78	7.982\$34
Total		14.982\$34
Ano económico de 1919-1920		
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório, Farmácia, sala de operações, etc.	-\$-	62.000\$00
<i>Edificio da Lavandaria a vapor:</i>		
Continuação das obras da Lavandaria a vapor	-\$-	37.197\$82
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Aproveitamento de parte do edificio para quartos particulares.	-\$-	802\$18
Total		100.000\$00
Ano económico de 1920-1921		
<i>Edificio da Lavandaria a vapor:</i>		
Continuação das obras da lavandaria a vapor.	-\$-	99.863\$23
Total		99.863\$22

Fornecimento de caldeiras,
maquinismos, materiais diversos e instalações realizadas
pelas Obras Públicas do Distrito de Coimbra,
nos edifícios dos Hospitais da Universidade

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério do Comércio e Comunicações

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1914-1915		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Instalação eléctrica e montagem de um sistema de aquecimento e esterilizações	-3-	9 000,500
Ano económico de 1915-1916		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Caldeira a vapor (Babcock)	-3-	3.799,579
Ano económico de 1916-1917		
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Instalação da caldeira a vapor	448,527	
Canalização de água e vapor para complemento de obras.	230,500	
Instalação de pára-raios de protecção ao edificio e da rede de iluminação eléctrica	1.500,500	
Reparação das caldeiras, torneiras e assentamento de válvulas.	354,500	
Ampliação da canalização de água nas dependências ultimamente construídas .	495,500	
Instalação do serviço de vapor na casa de lavagem de louça.	468,500	
		3.495,527
<i>Total</i>		3.495,527

Mapa n.º 2

Obras realizadas nos Hospitais da Universidade de Coimbra
pela Comissão Administrativa Autónoma

Verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Designação	1922-1923	1923-1924	1924-1925	1925-1926	1926-1927	1927-1928	1928-1929	1929-1930	1930-1931	1931-1932	Total
Hospital do Colégio de S. Jerónimo: Reforma da Aula de Farmacologia, Laboratório, Farmácia, Sala de operações, Quartos particulares	46.931\$58	75.696\$08	217.576\$97	173.333\$34	239.850\$00	-	-	-	149.998\$54	149.999\$97	1:056.386\$48
Edifício da Lavandaria a vapor: Continuação das obras da Lavandaria	49.076\$70	3.726\$95	-	-	-	179.729\$28	149.999\$98	149.987\$38	-	-	532.520\$29
Total	96.008\$28	82.423\$03	217.576\$97	173.333\$34	239.850\$00	179.729\$28	149.999\$98	149.987\$38	149.998\$54	149.999\$97	1:588.906\$77

Obras realizadas pela Direcção dos Hospitais com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos

Designação	Edifício das consultas externas e elevador	Hospital do Castelo	Hospital do Colégio de S. Jerónimo	Hospital do Colégio das Artes	Clinica de Dr. Daniel Matos	Córea do Hospital do Colégio de S. Jerónimo	Edifício da Lavandaria a vapor	Diversos edifícios	Total
Ano económico de 1927-1928.	-§-	58.664,531	14.794,568	92.257,115	6.769,576	39.990,582	-§-	64.992,591	277.487,563
Ano económico de 1928-1929.	-§-	254.055,547	1.714,500	152.941,559	2.000,500	88.371,527	249.994,580	93.730,510	842.807,523
Ano económico de 1929-1930.	-§-	287.617,512	1.124,500	-§-	-§-	27.653,522	371.836,530	58.553,501	746.783,565
Ano económico de 1930-1931.	54.194,522	474.738,558	34.089,554	47.702,596	4.631,500	62.590,544	169.305,518	103.326,569	950.578,661
Ano económico de 1931-1932.	263.658,537	75.575,524	56.389,599	167.111,533	-§-	131.371,528	-§-	164.109,506	858.215,527
Total	317.852,559	1.150.650,572	108.112,521	460.013,503	13.400,576	349.986,503	791.136,528	484.711,577	3.675.863,539

Desenvolvimento do Mapa n.º 3

Obras realizadas pela Direcção dos Hospitais
com verbas inscritas nos seus orçamentos privativos

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
Ano económico de 1927-1928		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Dispensário anti-tuberculoso, gabinetes, retretes e enfermarias para tuberculosos e doenças de pele	-5-	58.664\$31
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	-5-	14.794\$68
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	28.440\$17	
Diversos ladrilhos	21.246\$25	
Diversos mármorez	9.240\$43	
Diversos azulejos	33.330\$00	92.257\$15
<i>Clínica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Diversas pinturas e enceramento de soalhos	-5-	6.769\$76
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Reparação e construção de um cano de esgôto, em alvenaria	-5-	39.999\$82
<i>Diversos edifícios:</i>		
Madeiras, vidraças, cimento, tintas, e outros materiais de construção civil	-5-	64.992\$91
		<u>277.478\$63</u>
Ano económico de 1928-1929		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Enfermarias de tuberculosos, doenças de pele e sífilis — material de construção civil e mão de obra	130.097\$56	
Enfermaria de doenças de pele e dispensário, idem	70.146\$19	
Dispensário anti-tuberculoso — diversos azulejos	24.813\$00	
Diversos ladrilhos	18.096\$00	
Enfermarias de tuberculosos, doenças de pele e dispensário	10.902\$72	254.055\$47
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Pinturas, tanque e reparação do pátio	-5-	1.714\$00
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Enfermarias P. M. M. e P. T. C. H. — demolição de soalho, assentamento de ladrilhos, beton e azulejos	24.815\$98	
Roentgenterapia — azulejos	13.310\$00	
<i>A transportar</i>	38.125\$98	255.769\$47

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	38.125,98	255.769,47
Roentgenerapia — Chumbo para fôrro da cabine e isolamento.	1.781,70	
Cozinha geral — azulejos brancos e ladrilhos	19.864,48	
Cozinha geral — mármore	5.042,87	
Cozinha geral — tarefas operárias e materiais de construção civil	42.922,14	
Ascensor da cozinha geral — abertura e preparação da caixa.	5.302,10	
Roentgenerapia — materiais de construção civil, isolamento de chumbo, diversas ferragens, mão de obra, etc.	39.902,32	152.941,59
<i>Clinica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Pintura do portão de ferro, gradeamento, etc.	—	2.000,00
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Muro de alvenaria de suporte a nascente da cozinha geral	34.213,40	
Reparação e construção do cano de esgôto, em alvenaria.	15.561,67	
Continuação da reparação e construção do mesmo cano de esgôto.	11.773,55	
Depósito de lenhas e carvão e respectivo muro de suporte	26.822,65	88.371,27
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Cimento armado, alvenarias, etc.	83.631,20	
Idem, idem	157.397,30	
Idem, idem	3.073,45	
Portões de ferro.	2.721,60	
Serviços a jornal em escavações, remoções de terreno, etc.	3.171,25	249.994,80
<i>Diversos edifícios:</i>		
Madeira, vidraça, cimento, tintas e outros materiais de construção civil	—	93.730,10
Total		842.807,23
Ano económico de 1929-1930		
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Rés do chão, 1.º e 2.º andares — alvenarias, tijolo, cantarias, demolições, etc.	11.081,69	
1.º e 2.º andares — cimento armado, cantarias rebocos, etc.	100.559,33	
Quintal e pátio — demolição de paredes, transporte de entulhos etc.	7.629,44	
Lado do Liceu — demolição de paredes, fundações, cantarias, alvenarias, etc.	168.346,66	287.617,12
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Despesas com rasgos de paredes para o aquecimento.	—	1.124,00
<i>Cêrca do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Desaterros, estivações, arruamentos, etc.	—	27.653,22
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
1.º andar — salas dos maquinismos, tanques de cimento armado, etc.	80.672,82	
Portões de ferro.	2.980,80	
Junto ao edifício — muro de suporte em alvenaria	28.077,17	
<i>A transportar</i>	111.730,79	316.394,34

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>Transporte</i>	111.730,79	316.394,34
Guarnecimento de paredes, caiações interiores e exteriores, cimento armado na «passerele», azulejos, louças sanitárias, caixilharia, etc.	125.596,75	
Chaminés — alvenarias, manilhas, etc.	4.108,72	
Farmácia e Laboratórios, 3.º andar — alvenarias, esquadrias, divisórias, tectos, etc.	79.527,09	
Idem, idem	50.872,95	371.836,30
<i>Diversos edificios:</i>		
Madeiras, cal, cimento, tijolo e outros materiais de construção civil.	—\$—	58.553,01
Total		746.783,65
Ano económico de 1930-1931		
<i>Edifício das consultas externas e ascensor:</i>		
Demolições, alvenarias, beton, cimento armado.	—\$—	54.194,22
<i>Hospital do Castelo:</i>		
Enfermarias e Dispensário — pinturas, trabalhos de carpintaria, colocação de vidros, grades de ferro, etc.	3.250,61	
1.º e 2.º andares — caixilhos de janela, portas, etc.	11.970,55	
Levantamento, demolição de madeiramentos e cobertura de telhados.	84.165,76	
1.º e 2.º andares — cimento armado.	43.638,33	
Demolição e construção de paredes e cimalhas, remoção de entulhos, etc.	29.089,61	
Algerós, guarnecimento e caiações, trabalhos de carpintaria, etc.	14.580,22	
1.º e 2.º andares — demolições, enchameis, alvenarias, cimento armado.	62.220,25	
Demolição e levantamento de telhados, beton e assentamento de azulejos, etc.	49.449,30	
Embossos e rebocos de cimento, cantarias, guarda vassoras, etc.	58.137,66	
Aparelho e assento de cantarias, alvenarias, demolições, etc.	44.534,93	
Armários de vão, caixilhos, alizares, cimalha, camas de tecto, etc.	31.065,45	
Demolições de reboco, alvenarias, cantarias, cimento armado.	21.334,54	
Mão de obra em pinturas.	2.783,50	
Trabalhos de carpintaria, caixilharia, etc.	18.517,87	474.738,58
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Caixa para o ascensor — abertura de fundações, escavações, alvenarias a romper, levantamento do lagedo, cimento armado, etc.	—\$—	34.089,54
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Galerias — colunas de ferro e pedestais.	18.358,29	
Galeria — mão de obra, têlha, madeiras	23.241,17	
Portaria geral — grades e bandeira de ferro	6.103,50	47.702,96
<i>Clínica Dr. Daniel de Matos:</i>		
Mão de obra (trabalhadores) e caixilhos de ferro.	—\$—	4.631,00
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Portal — demolições, apeamento de cantarias, alvenarias, etc.	7.169,36	
<i>A transportar</i>	7.169,36	615.356,30

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
<i>A transportar.</i>	7.169\$36	615.356\$30
Portão de ferro.	2.822\$40	
Escadarias de serventia — abertura de fundações, beton, alvenaria, cimento armado, rebocos, cantarias em degraus, etc.	15.091\$72	
Continuação da escadaria de serventia — abertura de fundações, beton, alvenarias e demolições.	37.506\$96	62.590\$44
<i>Edifício da Lavandaria a vapor:</i>		
Farmácia e Laboratórios — rebocos, guarda vassouras de cimento e assentamento de azulejos.	7.996\$46	
Águas-furtadas, Farmácia e Laboratórios — fôrro e camas de tecto, aberturas de vão, tabiques, alizares, cimalthas, caixilharia, portas, alvenarias, etc.	43.248\$79	
Diversos azulejos e mosaicos.	9.190\$00	
Farmácia e Laboratórios — mão de obra e pinturas.	2.548\$00	
Diversos materiais, tintas, etc.	7.763\$25	
Águas-furtadas — soalhos, pavimentos, tabiques, guardavassouras, esquadrias etc.	57.617\$39	
Farmácia e Laboratórios — guarnecimento a branco e gesso, emboços, rebocos de cimento a côr, etc.	40.941\$29	169.305\$18
<i>Diversos edificios:</i>		
Diversos mosaicos e ladrilhos.	20.093\$33	
Mão de obra, diversos materiais de construção civil, etc.	83.233\$36	103.326\$69
Total		950.578\$61
Ano económico de 1931-1932		
<i>Edifício das consultas externas e ascensor:</i>		
Caixa para o ascensor, construção da «passerele», etc. — material de construção civil e mão de obra.	82.676\$88	
Continuação da caixa para o ascensor — demolições, escavações em rocha dura, fundações, cimento armado, etc.	114.252\$35	
Idem, idem, na «passerele» e no edificio	66.729\$14	263.658\$37
<i>Hospital da Castelo:</i>		
Azulejos e assentamento dos mesmos, beton e caixilharia.	17.227\$34	
Alvenarias, fundações, beton, rebocos, azulejos, etc.	39.686\$57	
Alvenarias, beton, azulejos, guarnecimentos, etc.	4.870\$18	
Portas para o ascensor, assentamento e ferragens.	2.549\$25	
Jornais, pinturas e grades de ferro	11.241\$90	75.575\$24
<i>Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Mão de obra e material de construção civil na portaria.	13.380\$10	
Quartos particulares — material de construção civil e mão de obra na casa de banhos	624\$77	
Quartos particulares — idem, idem na sala de operações	3.503\$89	
Electrologia — material de construção civil e mão de obra	18.239\$82	
Electrologia — idem, idem na escada.	877\$81	
Pergola — idem, idem.	5.846\$30	
<i>Transporte</i>	42.472\$69	339.233\$61

Designação das obras	Importâncias	
	Parcial	Total
EDIFÍCIO DA LAVANDARIA		
Transporte	42.472\$69	339.233\$61
Caixa para o ascensor — idem, idem	3.811\$22	
Entrada para a casa de aula — idem, idem	3.488\$13	
Portas para o ascensor — assentamento de ferragens	2.262\$15	
Portal e arcos em cantaria e grade de ferro	4.355\$80	56.389\$99
<i>Hospital do Colégio das Artes:</i>		
Enfermaria 1.ª C. C. — material de construção civil e mão de obra	4.284\$86	
Enfermaria 3.ª C. M.	2.978\$57	
Claustro — idem, idem	15.371\$22	
Enfermaria de Oto-Rino-Laringologia, idem, idem	1.973\$45	
Enfermaria de Ortopedia — idem, idem	1.876\$91	
Enfermaria de Ortopedia — idem, idem	26.876\$41	
Enfermaria 2.ª C. C. — idem, idem	13.269\$51	
Enfermaria 2.ª C. C. — idem, idem	17.141\$12	
Cozinha geral — escadas de comunicação — idem, idem	10.895\$39	
Claustro — idem, idem	1.555\$04	
Galeria — idem, idem	16.169\$47	
Portaria — idem, idem	6.571\$10	
Escada da Portaria — idem, idem	6.174\$29	
Átrio dos telefones — idem, idem	1.468\$39	
Frontaria do balneário — idem, idem	26.292\$19	
Escudo Nacional, em cantaria	689\$00	
Portaria — portão de ferro, grade e caixilho	6.177\$50	
Enfermaria de Ortopedia — vigas de ferro e seu assentamento	7.346\$91	167.111\$33
<i>Cêrca do Hospital do Colégio de S. Jerónimo:</i>		
Grades de ferro para o terraço e escadarias	2.566\$15	
Escavações de terrenos da encosta, etc. e remoção dos mesmos	43.657\$27	
Cano geral de esgotos em alvenaria — material de construção civil e mão de obra	85.147\$86	131.371\$28
<i>Diversos edifícios:</i>		
Jornais — nos serviços de canilizações de água e aquecimento	8.316\$50	
Diversos azulejos, mosaicos hexagonal e outros e diversos mármore	80.965\$07	
Lavatórios, bacias de retrete e autoclismos	8.742\$83	
Jornais em reparações dos diversos edifícios	28.216\$80	
Madeiras, cal, cimento, vidraça e outros materiais	37.867\$86	164.109\$06
<i>Total</i>		858.215\$27

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Movimento geral dos doentes

Movimento	Anos económicos											
	1920-21	1921-22	1922-23	1923-24	1924-25	1925-26	1926-27	1927-28	1928-29	1929-30	1930-31	1931-32
Existência no dia 1.º de Julho	357	378	386	366	365	365	411	439	529	488	520	549
Entraram	2.514	2.935	2.648	2.682	2.810	3.164	3.678	3.957	3.910	4.119	4.428	4.726
Sairam ou faleceram	2.493	2.927	2.688	2.688	2.810	3.118	3.650	3.887	3.951	4.117	4.399	4.689
Existem em 30 de Junho	378	386	366	365	365	411	439	529	488	520	549	586
Hospitalizados	403	436	414	396	408	449	475	565	549	551	583	602
Existência diária	353,27	383,52	364,70	335,48	340,16	387,23	417,47	467,42	447,57	505,31	527,86	552,84
Máxima												
Média												
Mínima	288	329	312	291	255	324	368	330	312	437	460	485
Doentes tratados	2.871	3.313	3.084	3.048	3.175	3.529	4.089	4.416	4.439	4.637	4.948	5.275
Demora média de cada doente (Dias)	44,91	42,25	43,87	42,68	39,10	40,05	37,26	38,74	36,08	39,78	38,93	38,35
Doentes inscritos	1.869	2.212	2.218	1.663	1.441	1.758	3.225	3.054	3.425	3.614	4.054	4.103
Consultas Externas												
Consultas e tratamentos	16.853	21.304	26.913	24.388	22.367	25.546	28.180	36.289	35.946	44.336	52.881	60.712

III

EDIFÍCIO DA LAVANDARIA

O projecto da Lavandaria foi mandado fazer pelo Engenheiro Paulo de Barros ao condutor Joaquim Maria Monteiro de Figueiredo e apontador Benjamim Ventura, em cumprimento do despacho Ministerial de 5 de Setembro de 1914.

Tal projecto foi aprovado em sessão do Conselho Fiscal de 15 de Março de 1915 e pelo Conselho da Faculdade de Medicina em sessão de 16 do mesmo mês, conforme o disposto no art. 7.º e art. 8.º n.º 2.º do Decreto com força de lei de 27 de Abril de 1911.

Por Portaria de 6 de Novembro de 1915 foi aprovado o orçamento para a construção d'êste edificio, na importância de 52.000\$00; e, no ano económico de 1918-1919, tiveram início estas obras, com a construção de alguns muros de suporte na cerca dos Hospitais.

Esgotada a primeira verba concedida, foi em 4 de Junho de 1923 elaborado novo orçamento pelo senhor Engenheiro Eduardo Pio Soares Leite, actualizando o primeiro.

Êste orçamento, na importância de 1.076.085\$42, foi aprovado por Portaria do Ministério das Obras Públicas de 28 de Julho de 1923, em face do parecer favorável do Conselho Superior do mesmo Ministério n.º 37.081, de 18 de Julho de 1923.

Estas obras foram concluídas no ano económico de 1930-1931, tendo-se nelas dispendido o total de 1.460.717\$62, sendo 669.581\$34 de verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas, e 791.136\$28 de verbas inscritas nos orçamentos privativos d'êstes Hospitais.

Comparando-se o total gasto de 1.460.717\$62 com o orçamento actualizado de 1923 na importância de 1.076.085\$42, vê-se que o dispendido além do orçamento, está em relação com as obras suplementares e com o aumento crescente do custo dos materiais e mão de obra, etc., que de 1923 a 1930 tiveram uma subida extraordinária, computada de 20 e 25 %.

O edificio da Lavandaria compõe-se de rés do chão, 3 andares e águas furtadas.

No rés do chão estão instaladas as oficinas de pintura, marcenaria, carpintaria, e serralheria.

No 1.º andar existem as intalações da Lavandaria, provida de máquinas, calandras, hidro-extractores, estufas de desinfecção, câmaras de secagem, etc.; tudo o que há de mais moderno.

No 2.º andar ficam: o Economato, atelier de costura e armazéns gerais de abastecimento.

No 3.º andar está a Farmácia, Laboratório de Física-Química e Laboratório de Cirurgia Experimental.

Nas águas furtadas estão os aposentos do pessoal em serviço permanente e, arrecadações.

Êste edificio está situado na pendente norte dos terrenos da cerca, confinantes com a Rua Abílio Roque.

A escolha d'êste local foi bem justificada pelo condutor Monteiro de Figueiredo no Relatório que acompanhou o projecto, a propósito das obras accessórias que vieram encarcerar esta construção.

«O Hospital, diz, não tem outro terreno onde a lavandaria possa ser assente, mas se êsse terreno existisse, certamente que o novo edificio ficaria mais económico; o que porém se não podia evitar era a construção dos muros de suporte ao terreno, visto que êle vai de inverno para inverno escorregando, em virtude da sua grande pendente, e de forma tal, que em pouco tempo o edificio ficará sem base e portanto o desmoronamento em prespectiva».

O deslizamento destas terras começou a operar-se após o corte da Rua Abílio Roque, — naturalmente devido ao modo de extractificação dos rochedos.

Portanto e por êste motivo, mesmo sem a construção ali da Lavandaria, os muros

de suporte tinham de ser feitos. Assim o pensava o Engenheiro Paulo de Barros que, várias vezes, discutindo a abertura da Rua Abílio Roque, manifestou os seus receios pelo edificio do Colégio das Artes.

Não ficou, portanto, mais dispendioso ao Estado o edificio da Lavandaria, pelo facto de se haver construído naquele terreno da encosta; devendo além disso notar-se que, sob o ponto de vista industrial, havia tódta a vantagem em colocar êste estabelecimento naquele local, para utilizar a mesma caldeira nos serviços da cozinha, esterilizações, aquecimento, lavandaria, etc.

Fêz-se por esta forma uma economia notabilíssima: uma só caldeira, pode dizer-se, nutre todo o Hospital.

Em conclusão: com a construção dêste edificio foram feitas obras acessórias importantes como sejam, paredões de suporte, visto o terreno ter uma grande inclinação e de inverno para inverno se verificar o escorregamento de blocos de terra, comprometendo a segurança do ângulo nordeste do edificio do Colégio das Artes.

Houve até um muro na fachada do lado nordeste que em tempos fendeu, sendo nessa altura gateado.

Êsse muro, há pouco demolido, foi reconstruído de novo, e reforçado com um muro gigante.

A construção da nova Lavandaria foi pois morosa e difficil; mas valeu a pena o sacrificio visto constituir um grande serviço prestado à hygiene hospitalar.

Só quem se não lembra das antigas instalações, nas arcadas do Observatório do Marquês de Pombal, ao lado do Hospital dos Lázaros, com aproximadamente um século de existência, onde as roupas, mal lavadas, eram sêcas ao sol, no estendal ali existente sôbre os Arcos do Jardim!

Não havia estufas de desinfecção, nem hidro-extractores, nem máquinas de lavar, etc.!

Foi por estes motivos que validámos os nossos esforços para dotar os Hospitais com um estabelecimento, que satisfizesse os preceitos da hygiene e as exigências do movimento, sempre crescente de doentes.

*

Finalmente, a cêrca dos Hospitais, do lado da lavandaria, encontra-se aberta e o que é mais, pelo acidentado do terreno as terras continuam a invadir a Rua Abílio Roque.

Tem, portanto, o Estado de fazer um muro que vede a cêrca e suporte as terras.

A vedação já foi começada e estão construídos 15^m,50 de muro, faltando para a sua conclusão construir mais 150 metros de extensão, aproximadamente.

Estes trabalhos foram executados em 1928 e de harmonia com o alinhamento dado pela Câmara Municipal.

Em 15 de Agôsto de 1930, foi realizado concurso para a continuação da construção do mesmo muro, sendo esta empreitada adjudicada ao construtor civil António Maia, ao qual lhe foi indicado o resto do alinhamento, por pessoal da mesma Câmara Municipal. Porém, na execução desta empreitada apenas se fizeram algumas excavações, em virtude de haver faltado a verba necessária.

Entretanto, esta obra é urgente, pois a sua falta, permite a passagem livre do público através da cêrca, e a invasão seqüente das dependências hospitalares.

Com tal facto, periga a segurança dos materiais, ferramentas e demais utensílios ali existentes; são devassados os serviços, cozinhas, farmácia, armazens, etc.

A despesa calculada com a construção dos 150 metros de muro que falta é de, segundo, estimativa feita, 75.000\$00.

O espaço adquirido com a construção dêste muro, é muito frio e por isso impróprio para habitações; deve ser aproveitado para barracões destinados a lenha, madeiras, materiais de construção, casa das caldeiras, etc., sendo ali instalado também o depósito de resíduos e forno de incineração.

De facto, para este forno não há lugar mais próprio do que o terreno situado abaixo do depósito de carvão, para lá da zona séptica da Lavandaria, pois assim fica bastante afastado do edificio do Colégio das Artes.

Um grande colector lançado de cima, das vizinhanças da carvoaria, fará convergir todos os detritos para um depósito a elles destinado e que ficará em baixo, colocado sobre o próprio forno.

Mediante uma disposição especial, tais detritos irão caindo pouco a pouco na fornalha e, só depois de reduzidos a cinza, é que o pessoal encarregado deste serviço, deles tem a occupar-se.

Este forno será adquirido no próximo ano económico, se as condições financeiras o permitirem, pois para a sua instalação, é necessário construir uma chaminé própria e bastante alta, a fim de evitar que os produtos da combustão, arrastados pelos ventos, invadam as enfermarias das alas norte e nascente do hospital do Colégio das Artes.

IV

NOVO HOSPITAL DO CASTELO

O Novo Hospital do Castelo, antigamente denominado Hospital dos Lázaros, está situado nos terrenos confinantes com a Rua e Beco dos Militares, Calçada Martim de Freitas e Rua do Arco da Traição.

Este edificio (antigo convento de S. Tiago da Espada e Ordem de Aviz), era muito velho, sendo as instalações o que havia de mais miserável e impróprio para um Hospital. Compunha-se, de facto, de pequenos compartimentos, e numerosos corredores, com insufficiente pé direito, faltando por toda a parte a luz e ventilação.

Os pavimentos, alguns em madeira e outros em tijolo, estavam em péssimo estado: os de madeira, completamente apodrecidos e esburacados, neles predominava toda a espécie de bicharia e lixo; os de tijolo estavam a desfazer-se.

As poucas janelas que existiam, eram acanhadas e algumas vedadas com grades de ferro.

Algumas paredes e abobadas estavam completamente salitradas, ameaçando ruína. Os tectos eram de madeira, encontrando-se de igual modo apodrecidos e em estado de desabamento, bem como os madeiramentos da cobertura, concorrendo para isso o estado deplorável dos telhados.

As poucas retretes que existiam eram imundas e desprovidas da necessária luz e ventilação, exalando permanentemente mau cheiro que se espalhava por todo o edificio.

O aspecto exterior das fachadas era de péssimo efeito, devido à falta de linhas e diversidade de janelas. Enfim, o antigo edificio encontrava-se em estado deplorável, causando a toda a gente a pior das impressões.

Este quadro pode ainda hoje reconstituir-se com as fotografias existentes nestes Hospitais.

Pela descrição feita, vemos que este edificio carecia de uma grande reforma; para isso foi elaborado o respectivo projecto pelo falecido Chefe de Obras, Benjamim Ventura, de harmonia com as indicações fornecidas pela Direcção dos Hospitais.

Estas obras principiaram por grandes demolições e assim, à excepção de algumas paredes e abobadas, bem como de alguns motivos da época, toda a restante parte do edificio foi demolida.

Fizeram-se grandes escavações e desaterros, para rebaixamento e regularização do terreno; desobstruíram-se antigos lojões, os quais foram aproveitados para instalação de vários gabinetes, casas de banho, retretes, arrecadações, etc.

A nova construção, obedecendo exteriormente, ao tipo antigo do edificio, com o

aproveitamento da linda arcada do claustro, grades de ferro forjado e arcos, das cimalthas, pilastras, da fachada voltada ao Liceu e ainda outros motivos, ficou sendo um bom edificio, que obedece aos modernos preceitos da hygiene hospitalar.

Compõe-se de rés do chão, primeiro e segundo andar.

No rés do chão estão instalados os gabinetes de consulta e tratamentos, das Clínicas de Dermatologia e Sifilografia, cabines de banho e douches, casa de despiolhamento e dependências do Dispensário Anti-Tuberculoso.

No primeiro e segundo andar, vêem-se amplas enfermarias, bem ventiladas e boa disposição solar, quartos de isolamento de infecto-contagiosos, salas de pensos, baterias de retretes, casas de banho e de despiolhamento, largos corredores e galerias de cimento aramado para cura de repouso e serventia exterior.

Os pavimentos são servidos por escadarias de cantaria feitas de novo; são construídos em cimento aramado, revestidos uns de ladrilho cerâmico e outros de cimento à côr. As paredes e abobadas aproveitadas, foram despidas dos antigos rebocos salitrados e, depois disso, convenientemente impermeabilizadas e guarnecidas a branco.

Foi restaurada a parte antiga do claustro e adaptados, na entrada principal, três portais de cantaria lavrada do século XVIII, que se encontravam no antigo edificio.

Algumas janelas e portas foram ampliadas e muitas outras construídas de novo; vários corredores antigos, aos quais se deu luz, foram completamente transformados e em parte aproveitados para instalação de vários serviços.

As paredes interiores, na sua maioria estão revestidas de azulejo decorativo, formando lambris e convenientemente guarnecidas a branco.

Em suma: pode dizer-se que foi uma construção inteiramente nova.

Estas obras tiveram o seu início no ano económico de 1927-1928, tendo-se nelas gasto até ao ano económico de 1931-1932 a importância de Esc. 1.150.650\$72.

No primeiro semestre do ano económico de 1932-1933, com o início das obras de prolongamento do corpo do edificio confinante com a Rua dos Militares, bem como com a demolição de antigas habitações adquiridas em tempos por estes Hospitais e ainda vários desaterros, etc., foi dispendida a importância de Esc. 73.247\$16.

Para a conclusão dèste corpo do edificio e construção do muro e gradeamento de vedação, são precisos, segundo estimativa feita, 131.196\$95.

Lotação dèste Hospital depois de concluído — 112 doentes.

V

NOVO EDIFÍCIO DAS CONSULTAS EXTERNAS

Êste edificio está em construção na cêrca dos Hospitais, de encôsto à base do edificio dos Quartos Particulares, ocupando o terreno onde existiam uns barracões de madeira, que serviam de oficinas de carpintaria e marcenaria, cujos serviços passaram para os baixos do edificio da Lavandaria, onde definitivamente ficaram instalados.

Fica voltado ao nordeste, sôbre a cêrca, com magníficas vistas sôbre o bairro de Santa Cruz, provido de grandes janelas que inundam de luz as suas instalações, longe da rua, das poeiras e do público, perfeitamente isolado e ao mesmo tempo, em comunicação directa com todos os serviços.

O edificio do Banco, incluindo a galeria de comunicação com o Hospital do Colégio das Artes, tem 100 metros de comprido, por 7 metros de largura, em média. A sua construção veio melhorar, sôbre o ponto de vista estético, o aspecto exterior dèste lado do Hospital, que é visto por vários pontos de importância da cidade.

Demais, veio estabelecer uma ligação interna do edificio do Colégio de S. Jerónimo

com o do Colégio das Artes, facilitando o movimento dos diversos serviços e elevadores dos dois Hospitais.

Compõe-se de rés do chão, primeiro e segundo andar, servindo-lhe de cobertura um terraço de cimento armado.

No rés do chão, fica instalada a sala de espera e o Laboratório de Análises Clínicas.

No 1.º andar, que compreende 10 salas, átrio e corredor, — ficam instalados os serviços de consultas de Oftalmologia, Estomatologia, Oto-rino-laringologia, Urologia-homens.

No 2.º andar, com 9 compartimentos, átrios e corredor, ficam os serviços de Cirurgia Geral, Serviços de Urgência, Ginecologia, Urologia-mulheres, Ortopedia, Operações, Raios X, etc.

O terraço será utilizado para cura de repouso e tratamento pelo sol.

Ao lado da Aceitação, funcionarão balneários para serviço dos doentes a hospitalizar, aos quais, depois do banho, serão fornecidas roupas do Hospital, seguindo, as que os doentes trazem, para a Lavandaria, a-fim-de serem desinfectadas e arrecadadas no respectivo depósito.

Junto dos balneários serão condignamente instaladas retretes e urinóis.

A entrada principal para êste edificio será feita pelo lado da Calçada Martim de Freitas, que oferece tôdas as vantagens para o grande movimento destas consultas e que fica por esta forma a servir de entrada a todos os doentes que reclamam serviços hospitalares. O doente é recebido na sala de espera, no rés do chão, e, sendo necessário, colocado em carro-maca que o conduz, pelo ascensor, a qualquer dos pavimentos do edificio. O mesmo carro pode transportar o doente ao ascensor do Hospital do Colégio das Artes, ou ao ascensor do Hospital de S. Jerónimo.

Se o doente carece de observações no actual laboratório de Raios X, tomará o elevador especial dêste serviço em qualquer dos pavimentos do Hospital do Colégio das Artes.

Por esta forma, tôdas as clínicas se encontrarão ligadas por ascensores, o que vem facilitar muito os serviços.

No prolongamento do edificio das Consultas Externas para o lado norte, foi construída uma galeria destinada a estabelecer comunicação entre os dois Hospitais — Colégio das Artes e S. Jerónimo. É na extremidade norte desta galeria que existe um grande elevador, que serve não só para o transporte de doentes para os diversos pavimentos, como também para o transporte de pessoal e materiais da Farmácia, Economato e Lavandaria.

Êste elevador, do fabricante Ottis Pifre, foi fornecido em concurso público por intermédio da casa Sampaio Batista L.^a, de Lisboa; tem de altura 25 metros e suporta uma carga de mil quilos.

Com a construção da caixa dêste elevador, harmonizou-se o aspecto exterior desta fachada, ampliando pela frente uma parte dêste corpo, que se encontrava recolhida, e, no novo espaço ocupado, ficaram instalados: no rés do chão, vestiário dos alunos e átrio da sala de operações homens; e no 1.º e 3.º andar os gabinetes dos Directores das Clínicas Cirúrgicas.

No 2.º andar está instalada a Central de esterilizações, devidamente montada, com duas grandes estufas de desinfecção para material de pensos, autoclaves para esterilizações de luvas, água, estufas eléctricas para ferros, etc.

Pelo que se acaba de expor, a construção do novo Banco, é reputada uma obra de alta importância, porquanto, as actuais instalações estão muito longe de satisfazer as exigências dos serviços.

Pelo Banco, pode dizer-se, passam todos os doentes internados e muitos milhares de indivíduos, uns que reclamam socorros e outros que acompanham os doentes.

São serviços visitados por muita gente, e se mais não virem, levam, actualmente, dos nossos Hospitais uma péssima impressão.

Por isso, esta Direcção tem validado todos os esforços para, no mais curto espaço de tempo possível, dotar os Hospitais com uma instalação condigna.

Ao proceder-se a diversas demolições e rebaixamento do piso do antigo corredor que

foi demolido, junto ao edificio dos Quartos Particulares, para com estas obras se iniciarem as da construção do novo edificio das Consultas Externas, viu-se que os alicerces daquele edificio não ofereciam condições regulares de solidez. Estes alicerces, que na sua maior extensão não assentavam em terreno firme, eram além disso constituídos por pedra de reduzidas dimensões, sem travamentos e argamassadas com barro e terra à mistura.

Este caso obrigou a imediatos trabalhos de consolidação, tendo-se procedido cuidadosamente, e com auxílio de escoramentos, ao desmancho, por zonas, das paredes em más condições e à escavação até ao encontro do terreno firme. Seguidamente, fêz-se o respectivo recalço com alvenaria de pedra bem dura e afeiçoada, empregando-se argamassa constituída por cimento e areia na proporção de um por dois (1×2).

A pouca solidez daqueles alicerces originou fendas, há muito tempo manifestadas nas paredes e abóbadas do referido edificio dos Quartos Particulares.

Com as obras agora realizadas consolidou-se a ala nascente do grande edificio do Hospital de S. Jerónimo.

As obras das Consultas Externas foram iniciadas no ano económico de 1930-1931, tendo sido gastos neste ano.	54.194\$22
No ano económico de 1931-1932 gastaram-se	263.658\$37
No primeiro semestre do presente ano económico 1932-1933, foi dispendida a verba de	184.390\$57
Soma	502.243\$16

Segundo estimativa anteriormente feita, para acabamento destas obras, são necessários ¹ 633.247\$03.

VI

HOSPITAL DE S. JERÓNIMO

Este edificio foi construído sobre o antigo convento de S. Jerónimo, que se compunha apenas de rés do chão e um andar de pouca elevação.

Neste andar, existiam uns compartimentos acanhados com muito pouca luz, que serviam para arrecadações, e um corredor a meio, escuro.

Estava tudo em ruína, e até o próprio madeiramento e cobertura prestes a desabar. Um verdadeiro pardieiro, de péssimo aspecto, provido de janelas pequenas, vedadas com grades de ferro, este convento, onde hoje se levanta um magnífico edificio.

Para isso, o andar teve de ser demolido, bem como a maioria das paredes, a-fim-de dar lugar à construção dos dois andares e águas furtadas de que se compõe actualmente este Hospital, incluindo uma parte do rés do chão onde está instalada a cozinha.

A parte da área do antigo edificio ocupada por este novó Hospital, mede de comprimento 81 metros por 12,50 de largura, existindo ainda uma outra parte que necessita também de grandes reformas, para ampliação do mesmo Hospital, instalações doutros serviços, etc.

Na ala poente do edificio, na prumada da entrada principal, tiveram lugar também importantes obras de reforma: assim, foi transformado o primeiro andar existente, e construído sobre este um outro.

As obras de reforma e de construção no edificio de S. Jerónimo eram de uma urgente

¹ Esta empreitada está dentro da arrematação cujo concurso público foi realizado em 20 de Julho de 1931, e aprovada a sua continuação no ano económico corrente, pelas Instâncias Superiores.

necessidade, não só para ampliar a assistência às classes médias, mas também para melhorar o aspecto geral do edificio de forma a harmonizá-lo com o do Colégio das Artes que fica ao lado.

O primeiro andar compreende 18 quartos, uma sala de operações, sala de anestesia, gabinetes, copa, sala de espera, casa de pensos, retretes, cabines de banho, e um extenso e largo corredor, a meio, que torna independentes todos os quartos e serviços.

No segundo andar 30 quartos e compartimentos anexos.

As águas furtadas destinam-se a acomodações do pessoal e arrumos.

Para completar tanto quanto possível as instalações dêste Hospital, independentemente da escada interna de serviço, foi montado um ascensor eléctrico que tem a elevação de 17 metros fornecendo a sua cabine a sufficiente capacidade para comportar à vontade uma maca com o doente e mais três pessoas.

A disposição dos quartos é confortável, bastante pé direito, boa ventilação e sol, possuindo cada quarto o seu lavatório, com água quente e fria e sistema de aquecimento a baixa pressão.

Os pavimentos são de madeira, devidamente encerados e as paredes e tectos guarne- cidos a branco de estuque.

A sala de operações tem o pavimento e as paredes revestidas a mármore, em grandes placas.

Nas casas da copa, salas de pensos, retretes, casas de banho e alguns gabinetes, os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico e as paredes guarne- cidas com um *lambril* de azulejo branco.

O madeiramento da cobertura geral do edificio foi feito em madeira de choupo por se tornar mais leve e de mais duração; a telha é a de tipo marselhês.

A cobertura da sala de operações, é de cimento armado, servindo ao mesmo tempo de terraço a um dos quartos do último pavimento.

Por debaixo desta cobertura e com o intervalo de 50 centímetros, construiu-se um tecto de madeira, estucado, para isolamento.

As casas da copa são servidas por um monta-cargas eléctrico para transporte de dietas da cozinha que, como já se dissemos, está no rés do chão.

A cozinha é espaçosa e possui os indispensáveis anexos destinados ao aparelho de lavagem e esterilização das louças, arrumações, etc., existindo a seu lado uma ampla sala de mesa.

Os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico e as paredes guarne- cidas de azulejo branco, com excepção da sala de mesa, em que o pavimento é de madeira.

Para a construção da caixa do elevador, tiveram lugar várias demolições e trabalhos de consolidação em cimento armado. Êste elevador, do fabricante Ottis Pifre, foi forne- cido em concurso público por intermédio da Casa Sampaio Baptista Ld.^a, de Lisboa.

Do lado do pátio interno e a tóda a altura da caixa, a divisória é tóda envidraçada, fornecendo abundante luz. Além de outras obras anexas, restaurou-se a rica abóbada e *lambril* primitivo da ante-câmara do rés do chão; repararam-se as paredes e substituiu-se o antigo piso de lagedo, danificado, por ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico.

No mesmo pavimento, junto à caixa do ascensor e do lado do átrio das aulas, cons- truíram-se retretes e urinóis para os alunos e pessoal.

Fizeram-se as respectivas canalizações de água e esgotos, bem como todos os traba- lhos de pintura, etc.

Escadaria principal do Edificio de S. Jerónimo

A armação e telhados da escadaria nobre dêste edificio, há muito que se encontravam em péssimo estado.

Nestes últimos tempos a situação agravou-se, ameaçando ruína.

Balaustrada e talha da referida escadaria, ficariam completamente inutilizadas se porventura os telhados desabassem, impelidos por qualquer tempestade.

Tal facto, a dar-se, constituiria uma perda irreparável para a arte nacional. Por isso mesmo, êste telhado, bem como o tecto, foram apeados, conservando o novo tecto o mesmo estilo, em forma de abóbada: o próprio florão central foi colocado no lugar onde estava anteriormente, e donde havia sido retirado com todo o cuidado.

As paredes foram de novo guarnecidas a branco de estuque, e limpas as cantarias, etc.

Os caixilhos, depois de reparados, foram pintados e de novo envidraçados.

Os pavimentos do átrio superior da escadaria e os seus seguimentos, na galeria do claustro, foram revestidos de mosaico cerâmico de côr vermelha em substituição do antigo piso que estava completamente deteriorado.

Secretaria, Contabilidade, Tesouraria e Secção de Registo de Aceitação de Doentes

Para a instalação dêstes serviços fizeram-se importantes obras de transformação na parte do primeiro andar dos quartos contíguos à galeria superior do Claustro.

Demoliram-se as divisórias duns pequenos compartimentos e dum corredor escuro, tudo com pouco pé direito, e bem assim os pavimentos e tectos de madeira em péssimo estado.

Rasgaram-se, na parede voltada à cêrca, vãos de janelas no mesmo tipo das existentes nesta fachada.

Construíram-se novas divisões que limitaram salas amplas, nas quais se fizeram de novo os pavimentos em madeira, os tectos, os caixilhos, as portas e os respectivos guarnecimentos.

Rebocaram-se e guarneceram-se a estuque tôdas as paredes e tectos, e, por fim, fizeram-se todos os trabalhos de pintura, etc.

Há pouco, foi feita a impermeabilização com «Flintkot», do terraço de cimento aramado que serve de cobertura à galeria superior do claustro, em virtude de o mesmo se deixar atravessar pelas águas das chuvas, prejudicando as instalações da Secretaria.

Esta cobertura construída pela Direcção das Obras Públicas, em 1924, substituiu o antigo telhado que se encontrava em ruína pelo facto das suas madeiras estarem apodrecidas.

O referido terraço é bastante espaçoso, servindo de recreio aos doentes do último pavimento dos quartos particulares.

Átrio das casas de aula

Regularizou-se a parede e curva de suporte ao terreno, (de nível superior), do jardim da portaria principal (Colégio das Artes)—na qual foi assente um capeamento de cantaria,

Junto, construiu-se um arco de cantaria sob a prumada da janela larga da sala de operações, no mesmo tipo dos primitivos arcos existentes.

Esta obra melhorou o aspecto exterior desta fachada.

Para ligação interna do Edifício de S. Jerónimo com o novo Banco, rebaixou-se em parte o pavimento, pelo que houve necessidade de se transformar a entrada de uma sala de aula.

Para esta nova entrada, aproveitou-se o grosso da parede, que foi rasgado, para se desenvolver uma pequena escada interior, e construiu-se um novo portal de cantaria lavrada em estilo do século XVIII, semelhante ao portal primitivo da entrada da sala nobre que fica ao lado.

Colocaram-se vigas de ferro de suporte à abóbada no vão da parede, fêz-se alvenaria de recalço às paredes, pois não se encontravam assentes em terreno firme.

Colocaram-se alguns azulejos nas paredes da nova entrada, caíram-se as paredes e a abóbada, etc.

Electricidade médica

Estas instalações ocupam uma parte dos baixos da ala sul-poente do edificio, onde estavam instalados os serviços da Farmácia, os quais passaram definitivamente para o terceiro andar do Edificio da Lavandaria.

Para adaptação daquelas instalações fizeram-se grandes obras de transformação e consolidação.

Demoliram-se divisórias de enchamel cujas madeiras se encontravam apodrecidas e construíram-se outras em alvenaria de tijolo.

Demoliram-se os antigos pavimentos de lagedo e outros em madeira, em péssimo estado, os quais foram substituídos por pavimentos de ladrilho cerâmico assentes em massame hidráulico.

Fizeram-se escavações profundas para a construção de alicerces de novas paredes e divisórias.

Demoliram-se os robocos das paredes velhas, completamente salitrados, sendo feitos de novo com argamassa hidráulica.

Construíram-se portas, repararam-se caixilhos e colocaram-se varandins de ferro nas janelas rasgadas do lado da Rua Dr. Costa Simões.

Substituiu-se a antiga escada de madeira, da entrada, por outra, muito suave, em cantaria, e desmanchou-se uma outra, em pedra, de serviço interior, cujo espaço foi aproveitado para um gabinete.

Revestiram-se tôdas as paredes com *lambril* de azulejo, construíram-se biombos portáteis, forrados a pano, servindo de divisória às cabines de tratamentos, e fizeram-se várias canalizações de esgotos, etc.

E, por último, tiveram lugar os trabalhos de pintura e outros acabamentos.

No Hospital de S. Jerónimo temos ainda a realizar algumas obras

No claustro e átrio das casas de aula: reparação das cantarias, paredes e abóbadas, reforma do actual pavimento, que se encontra em péssimo estado de conservação; revestimento das paredes com *lambril* decorativo a dizer com a época do edificio, pinturas em portas e caixilhos, etc.

Na Portaria: restauração do *lambril* decorativo do século XVIII, limpeza e restauro das cantarias, substituição do primitivo pavimento por mosaicos de mármore e algumas pinturas, etc.

Nas dependências ocupadas pelo actual banco: grandes reformas para a instalação das casas de aula e gabinetes.

No futuro, o Instituto de Farmacologia terá de ser mudado para edificio próprio e amplo, e então a electricidade médica encontrará meio de se alargar, ficando condignamente instalada, podendo ocupar o espaço hoje destinado àquele Instituto.

A parte do edificio, ocupada em tempo pelo Fiscal dos Hospitais, Chefe dos Serviços Farmacêuticos e pelo falecido Ecónomo, — carece de importantes obras de reparação e transformação, para alargamento do Hospital e instalação de outros serviços.

Este hospital ficará com acomodações para 80 doentes (pensionistas de 1.^a e 2.^a classe), Secretaria, salas de aula, gabinetes, etc.

As obras de reforma dêste edificio estão calculadas em 465.100\$00.

VII

HOSPITAL DO COLÉGIO DAS ARTES

Neste Hospital, foram feitas, inicialmente, obras importantes de construção; e, nestes últimos tempos, fomos forçados a proceder a vários trabalhos de reparação visto a maioria das salas se encontrar em estado lastimoso.

Assim, foram substituídos antigos pavimentos de madeira, completamente apodrecidos e outros de ladrilho hidráulico em mau estado, por ladrilho cerâmico.

As paredes, convenientemente reparadas, foram revestidas com *lambril* de azulejo branco, rematados superiormente por cercadura em côr, o que até certo ponto lhe imprime um aspecto interessante.

Demoliram-se já algumas retretes sem condições higiénicas; e construíram-se outras, e bem assim, casas de banho, lavatórios e pias para despejos. Estas instalações são bem ventiladas e iluminadas.

Transformaram-se várias dependências, adequando-as às necessidades exigidas pelos serviços. Fizeram-se também obras importantes de consolidação, as quais se tornavam de uma necessidade urgente para a segurança do edifício.

Entre outras obras realizadas neste Hospital, como mais importantes, descreveremos as seguintes:

1.º ENFERMARIA DE 2.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Demoliram-se os antigos pavimentos de madeira e em sua substituição construíram-se outros em ladrilho cerâmico. Repararam-se as paredes e abóbadas. Construíram-se lambris de azulejo e fizeram-se os trabalhos de pintura, etc.

2.º ROENTGENTERAPIA — Serviço feito inteiramente de novo, no local onde existia a electricidade médica. Tudo ali foi reparado e as paredes revestidas de azulejo. Substituiu-se o antigo pavimento de madeira, completamente apodrecido, por ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico. Construíram-se cabines para tratamentos e instalação de aparelhos.

As divisórias destas cabines são revestidas a fôlha de chumbo, para isolamento.

Nesta sala, construiu-se um tecto em madeira, fasquiado, devidamente rebocado e guarnecido a branco, e, por último, fizeram-se os trabalhos de pintura, etc.

3.º DEPÓSITO EM CIMENTO ARMADO — Para obviar aos gravíssimos inconvenientes da falta de água nestes Hospitais, foi construído um depósito de cimento armado no alto do edificio, com a capacidade de 70 metros cúbicos, o qual, enchendo-se durante a noite, fornece a água precisa ao consumo diário.

O grande depósito de abastecimento da parte alta da cidade, não dá pressão suficiente em virtude de se encontrar quasi ao nível superior dêste edificio e por êste motivo havia às vezes falta de água nos serviços.

4.º SALAS DE OPERAÇÕES DE HOMENS E MULHERES — Estas salas eram primitivamente muito acanhadas e sem condições próprias, pelo que houve necessidade de as tornar amplas e confortáveis, etc.

Elas ocupam os dois pavimentos da parte Nascente-Sul do novo corpo do edificio, construído um pouco fora da linha da fachada, mas em perfeita harmonia com o todo do edificio.

Tôdas possuem anfiteatros, para os alunos, com entrada independente, para que não tenham de atravessar as salas.

Juntamente com estas obras construíram-se os indispensáveis anexos destinados a anestesia, lavatórios, gabinetes, etc.

Tudo se encontra devidamente montado; os pavimentos são revestidos de ladrilho cerâmico de primeira qualidade, as paredes guarnecidas de azulejo branco também da melhor qualidade, as janelas são amplas e vedadas com caixilhos de ferro fixos e com vidraça lisa fôscas, fornecendo abundante luz.

5.º COZINHA GERAL — Demoliram-se várias paredes divisórias de enchamel, completamente apodrecidas, e construíram-se em alvenaria de tijolo.

Substituíram-se os antigos pavimentos por ladrilho cerâmico. Repararam-se as grandes abóbadas e paredes, sendo estas guarnecidas com azulejo até à altura de 4^m,30. Proce- deu-se à reforma e instalação da nova despensa e à restauração completa do extenso corredor, com a colocação de pavimentos de ladrilho e *lambril* de azulejo e fizeram-se várias canalizações de esgotos.

É para notar que a maior parte da reconstrução e adaptação foi efectuada durante a noite, a-fim-de não prejudicar a limpeza na confecção das dietas, sua distribuição, etc.

Transformou-se a caixa dos monta-cargas de dietas.

6.º ENFERMARIA DE UROLOGIA, HOMENS (operados) — Substituiu-se o antigo pavimento de ladrilho hidráulico, completamente deteriorado, por ladrilho cerâmico, assente em mas- same hidráulico.

Revestiram-se as paredes com um *lambril* de azulejo, as quais tiveram de ser impermeabilizadas com argamassa hidráulica. Repararam-se as paredes e abóbadas bem como caixilharias e portas, etc. E, por último, fizeram-se todos os trabalhos de pintura.

Nas salas e gabinetes anexos tiveram lugar os mesmos trabalhos de reparação, sendo construída numa das salas uma larga chaminé para saída dos vapores produzidos pelos ebulidores e autoclaves, e uma divisória envidraçada separando uma parte da sala, desti- nada à endoscopia e tratamentos eléctricos.

7.º CLAUSTRO — Construiu-se a cobertura da galeria superior, assente em 55 colunas de ferro fundido, a qual abrange as três grandes frontarias do rectângulo dêste vastíssimo claustro.

A passagem constante dos doentes nesta galeria, transitando das enfermarias para a sala de operações e vice-versa, e bem assim o grande movimento de pessoal, etc., atestam a utilidade desta construção.

As paredes dos dois pavimentos dêste claustro foram revestidas de lambris de azulejo decorativo. Além do bom efeito que produz, foi de uma grande utilidade sob o ponto de vista de limpeza, pois que as paredes estavam constantemente conspurcadas em virtude da lavagem dos pavimentos. Outros serviços se fizeram, tais como: reparação e caiação das paredes, canalização das águas dos telhados, pinturas, etc.

8.º PORTARIA GERAL — Foi assente uma divisória, em ferro, envidraçada, no grande arco que separa o Claustro da Portaria, de modo a abrir-se a sua parte central em casos excepcionais de serviço. Esta divisória, através da qual se admira o lindo aspecto do Claustro e Jardim, tem a utilidade de separar o contacto directo dos doentes com as pessoas de fora e livra das grandes correntes de ar o pessoal permanente, em serviço, na Portaria, e as pessoas que esperam a hora da visita.

Foram demolidos os rebocos das paredes, que estavam salitrados e feitos outros em argamassa hidráulica de cimento e ceresit.

Foi demolido todo o guarnecimento das paredes, cheio de irregularidades, e conve- nientemente feito de novo.

Assentaram-se lambris de azulejo decorativo, no mesmo género dos dos Claustros.

Foi substituída a cantaria de um portal que se encontrava igualmente salitrada, a desfazer-se.

Contiguamente à portaria, nas paredes do átrio dos telefones e nas da escadaria principal, foram também assentes lambris de azulejo, do mesmo motivo decorativo, e reparadas e caiadas as paredes.

9.º ENFERMARIA DA 1.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Substituiu-se o antigo pavimento de madeira por ladrilho cerâmico. Revestiram-se as paredes com lambris de azulejo.

Rasgou-se uma porta de comunicação na parede que divide as duas salas desta enfermaria. Construíram-se portas, alizares e repararam-se os caixilhos.

As paredes foram em parte rebocadas de novo, e em tôdas, feito o guarnecimento a branco. Finalmente, tiveram lugar as pinturas e colocação de vidros.

10.º SALA DE PENSOS E GABINETES DA 2.ª CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS — Demoliram-se antigas divisórias de madeira que tornavam acanhadas estas instalações, e deu-se-lhes nova disposição adequada aos serviços.

Substituiu-se o antigo piso por ladrilho cerâmico, construíram-se várias alvenarias, rasgaram-se paredes para a abertura de portais. Fizeram-se vários rebocos e guarnecimentos em paredes, as quais se revestiram com lambris de azulejo.

Aproveitando-se o grande pé direito dos gabinetes, foi construído um segundo pavimento destinado a arrecadações. Na sala de pensos, construiu-se uma larga chaminé em cimento armado para dar saída ao vapor produzido pelos aparelhos de esterilização.

No terraço anexo a esta enfermaria, foi instalada uma sala de trabalho, para exame dos doentes, e, no andar superior, construíram-se as retretes da Enfermaria de 3.ª Clínica Cirúrgica em substituição das antigas, que não tinham as condições necessárias. Esta obra regularizou o aspecto da fachada, pois que as antigas retretes estavam instaladas num corpo saliente, como que penduradas, o que era de péssimo efeito.

11.º ENFERMARIA DE 1.ª E 2.ª MEDICINA, HOMENS — Foi demolido o antigo pavimento de madeira e substituído por outro em ladrilho cerâmico.

As paredes foram convenientemente reparadas e nelas construído um *lambril* de azulejo. Fizeram-se caixilhos e um guarda-vento na entrada, e por fim as pinturas.

12.º ENFERMARIA DE NEUROLOGIA, HOMENS — Foi substituído o antigo pavimento de ladrilho, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.

O antigo ladrilho, assente com argamassa ordinária, deixava penetrar as águas reflectindo-se as humidades na parte inferior da abóbada que serve de tecto às salas do Raios X.

Foi demolida a antiga divisória, de madeira, envidraçada, existente ao topo sul desta enfermaria, e, em sua substituição, construída uma outra em alvenaria de tijolo.

Aquela divisória estava apodrecida na parte inferior e o seu envidraçado não era de utilidade, servindo apenas para acumulação de poeiras na grande quantidade de frisos de madeira.

Essa obra deu um agradável aspecto à enfermaria e trouxe vantagens sobre o ponto de vista higiénico e de reforço a abóbada do pavimento superior.

Foi restaurada uma parte do antigo *lambril* de azulejo e feita uma outra de novo; foram reparadas e caiadas as paredes.

Por último, tiveram lugar as reparações dos caixilhos e portas, e as necessárias pinturas.

13.º FACHADA POENTE — A frontaria da ala poente do edificio era separada a meio na parte superior da aprumada da entrada do Balneário, existindo por isso um espaço desaproveitado e de desagradável aspecto.

A construção deste corpo central de fachada, terminada superiormente em forma de tímpano sob o qual se colocou o emblema nacional, melhorou sob o ponto de vista estético, o aspecto geral daquela fachada.

Com esta obra relacionou-se a construção dos dois pavimentos superiores, nos quais se fizeram instalações condignas de casas de banho e retretes das Clínicas médicas, homens e mulheres e neurologia homens.

14.º CLÍNICA ORTOPÉDICA — Esta clínica está instalada nas antigas dependências de Dermatologia e Sifilografia, homens.

As obras ali realizadas foram de uma grande importância porque, devido a erros graves nos madeiramentos, divisões, distribuição de cargas, etc., o ângulo noroeste do edifício ameaçava ruína.

Dum momento para o outro o gabinete do Professor Elísio de Moura e quartos anexos poderiam abater, por falta de solidez, nas abóbadas do balneário.

De facto, duas colunas de pedra da antiga enfermaria de Sifilografia estavam assentes sobre a parte culminante do arco de uma abóbada à qual em tempos haviam cortado um dos encontros.

Daí, a abóbada haver fendido e o conjunto ameaçar ruína. Estes trabalhos de extrema delicadeza foram acompanhados com o máximo cuidado.

Fêz-se, estudo prévio do conjunto, e, depois, uma avaliação completa das cargas existentes, para efeito do cálculo das vigas de ferro.

Construiu-se uma coluna de cimento armado no Balneário para amparar a abóbada e suportar a coluna de pedra da enfermaria, que, por sua vez, serviu de suporte a grossas vigas de ferro destinadas a sustentar o pavimento dos serviços de Neurologia.

Ao proceder-se às fundações para construção daquela coluna de cimento armado, verificou-se que uma das paredes de encontro da abóbada estava assente em terra movediça.

Por este pequeno pormenor se pode avaliar da delicadeza de todos estes trabalhos, que deram a este ângulo do edifício uma solidez perfeita.

Além destas obras de consolidação, outras se fizeram, tais como, a substituição do antigo pavimento de madeira, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.

Demoliu-se o antigo tecto, também em mau estado, e construiu-se outro de cama de vigotas fasquiadas, devidamente rebocadas e guarnecidas a branco.

Demoliu-se a antiga camarata dos enfermeiros que ocupava parte da enfermaria, bem como foram apeadas seis colunas de pedra, o que ampliou as salas.

As paredes convenientemente reparadas e de novo guarnecidas a branco, foram revestidas de *lambril* de azulejo.

Além de outros trabalhos, reparou-se toda a caixilharia; fizeram-se as pinturas e collocaram-se vidros.

15.º OTO-RINO-LARINGOLOGIA, HOMENS — Foi substituído o antigo pavimento de madeira, por ladrilho cerâmico, sendo reparadas e caiadas as paredes, tectos etc.

16.º ESCADA DE SERVENTIA DA COZINHA GERAL — Os lanços superiores desta escada eram de madeira, em parte apodrecida.

Foi transformada a sua antiga disposição e construída de novo em cimento armado. Para regularização das paredes fizeram-se vários roços, rebocos e guarnecimentos a branco.

O patamar superior que era de madeira, foi substituído por pavimento de ladrilho cerâmico.

As paredes da caixa da escada bem como as do patamar superior foram revestidas com um *lambril* de azulejo.

17.º CASA DE PENSOS DA ENFERMARIA DA 3.ª CLÍNICA CIRURGICA, HOMENS — Nesta dependência, que se achava em estado deplorável, fizeram-se grandes obras de reparação. Demoliu-se um pavimento superior, que prejudicava a sala de pensos, tornando-a acanhada, sem pé direito, e que estava completamente apodrecido, ameaçando desabar de um momento para o outro.

O pavimento da sala de pensos estava em péssimo estado, pelo que teve de ser demolido e substituído por ladrilho cerâmico.

Tiveram de ser demolidas duas divisórias de enchamel, também em completo estado de ruína, as quais foram substituídas por alvenarias de tijolo.

Construiu-se uma larga chaminé até fora do telhado, para tiragem dos vapores produzidos pelos ebulidores e autoclaves.

As paredes foram revestidas de azulejo branco até a uma altura de 1^m,40. Fizeram-se algumas canalizações de esgotos, rebocaram-se e guarneceram-se a branco as paredes e o tecto.

Por último fizeram-se os trabalhos de pintura; collocaram-se várias prateleiras de mármore nas paredes, etc.

Ao lado desta sala, foi aproveitado um pequeno compartimento, no qual se instalou uma sala de operações destinada a casos extremamente sépticos.

Foi também substituído o antigo piso por ladrilho cerâmico; foram azulejadas as paredes de novo rebocadas e guarnecidas a branco; finalmente fizeram-se as necessárias pinturas.

18.º NOVAS RETRETES DAS ENFERMARIAS DAS CLÍNICAS MÉDICAS HOMENS E DE UROLOGIA HOMENS — Estas retretes estão instaladas respectivamente no 1.º e 2.º pavimentos, já este ano construídos, conjuntamente com o novo corpo central da fachada, voltada a poente, sobre a portaria do Balneário.

Estas instalações obedecem a todos os princípios higiênicos; a canalização, em manilhas de grés, tem o diâmetro suficiente e está a descoberto na sua maior parte, o que facilita uma rápida inspecção; as bacias, munidas de autoclismos, são ventiladas por tubos, que sobem acima do telhado.

As paredes foram revestidas de azulejo até 1^m,40, e os pavimentos cobertos com mosaico cerâmico.

As antigas retretes estavam dispostas num pequeno espaço interno, comunicando directamente com as enfermarias; não recebiam luz nem ventilação directa do exterior, nem possuíam tubos de ventilação, pelo que exalavam permanentemente mau cheiro por tôdas as salas.

A canalização de esgotos era insufficiente e a sua construção tinha deficiências, originando constantes roturas e por consequência infiltrações nas paredes.

19.º GABINETES DAS ENFERMARIAS DE NEUROLOGIA HOMENS E 3.ª MEDICINA HOMENS — Estes gabinetes, ligados directamente às respectivas enfermarias, occupam os espaços das antigas retretes, já este ano demolidas.

Além dos trabalhos de demolição das antigas divisórias, piso e rebocos salitrados, canalizações, etc., construíram-se paredes divisórias de tijolo.

Impermeabilizaram-se tôdas as paredes com argamassa de cimento e rebocaram-se com argamassa hidráulica.

Revestiram-se as paredes destes gabinetes com *lambril* de azulejo de 1^m,40 de altura; e daí para cima, incluindo o novo tecto, foram devidamente guarnecidas a branco. O pavimento foi revestido com ladrilho cerâmico.

Como o pé direito destas salas era bastante alto, aproveitámo-lo, para, a meio desta altura, fazermos construir um segundo pavimento que actualmente servé de arrecadação a utensílios e roupas da Enfermaria de 3.ª Clínica Médica, homens.

Este pavimento é de madeira, sendo servido por uma escada de caracol, agora construída.

Finalmente, realizaram-se os trabalhos de pintura. Ao proceder-se a estas obras, observou-se que o pavimento de cimento armado no qual assentavam as retretes das Clínicas médicas, mulheres, não tinha apoio nas paredes laterais, assentando apenas nas divisórias interiores de tijolo a meia vez, as quais, por necessidade de ampliação, tinham de ser demolidas.

Com esta demolição, o pavimento referido ficava completamente desapoiado, pelo que, houve necessidade de se construírem vigas de cimento armado, reforçando, pela parte inferior, as extremidades da lage.

Em substituição do apoio interior das divisórias demolidas, foram colocadas vigas de ferro.

Estas obras tinham sido em tempo realizadas por conta das Obras Públicas.

20.º NOVO GABINETE E CAMARA ESCURA, PARA ELECTRO-CARDIOGRAFIA, ANEXO ÀS CLÍNICAS MÉDICAS — Este gabinete, existente no 2.º pavimento, ocupa o espaço das antigas retretes, também já este ano demolidas, as quais passaram para o novo espaço adquirido em virtude da construção do corpo central da fachada poente.

Da mesma forma, tiveram lugar as demolições das antigas divisórias de reboco salitrado das paredes e do antigo piso de ladrilho, etc.

Depois destas obras, construiu-se uma divisória de tijolo de separação das novas retretes, repararam-se paredes, assentou-se um piso de ladrilho cerâmico e um *lambril* de azulejo.

Abriu-se, na parede do lado da galeria do claustro, uma porta de serventia ao novo gabinete, que fica também em comunicação directa com a enfermaria por uma antiga porta.

Construiu-se um novo tecto de madeira, fasquiado, um pouco abaixo da lage de cimento armado que serve de fundo ao grande depósito de água.

Fizeram-se novos rebocos e respectivo guarnecimento a branco, nas paredes e tectos.

Vedou-se uma porta de comunicação com a enfermaria, em cujo vão, do lado da câmara escura, ficou a tina respectiva.

Construiu-se uma porta e um caixilho, e aproveitaram-se outras com a devida reparação. Fêz-se nova canalização de esgotos do lavatório e tina da câmara escura, e por último todo o trabalho de pintura.

21.º SALA DE OPERAÇÕES, MULHERES — Nesta sala impunham-se obras de consolidação urgentíssima em virtude do perigo eminente de desabamento do tecto, que há muito ameaçava ruína.

Ao proceder-se a estes trabalhos verificou-se também a necessidade de substituir por parede de tijolo uma divisória de enchamel completamente apodrecida, sobre a qual se apoiavam grandes cargas.

O pavimento em que assenta esta divisória, teve que ser reforçado pela parte inferior e na mesma apumada daquela, por uma viga de ferro.

Além destes trabalhos, realizaram-se os seguintes: substituiu-se o antigo caixilho de madeira da janela larga, já em estado de apodrecimento, por um caixilho de ferro envidraçado, tornado fixo.

Ao lado daquela janela existe uma outra, estreita, na qual foram assentes caixilhos de madeira, duplos, em substituição do anterior, que igualmente estava apodrecido. As paredes foram reparadas, rebocadas e estucadas de novo, e, por último, feitos os trabalhos de pintura.

Foi aberta na parede do lado direito uma porta, pondo em comunicação esta sala com a sala de pensos, na qual se estão fazendo várias obras de reparação e consolidação também de absoluta necessidade, tais como: substituição de toda a madeira apodrecida do tecto;

construção de uma chaminé para a saída de vapores produzidos pelos aparelhos de esterilização; substituição também do caixilho de madeira da janela, por outro em ferro, envidraçado com uma parte móvel; construção de novos rebocos e guarnecimento das paredes e assentamento de azulejo nas mesmas; substituição do antigo piso de ladrilho, em mau estado, por ladrilho cerâmico.

Com o andamento dos trabalhos, nesta sala, verificou-se também a necessidade de substituir a divisória do lado poente que está em igualdade de circunstâncias da que foi substituída na sala de operações. Serão feitas as canalizações de esgotos em manilhas de grés, e bem assim as canalizações de água, em ferro galvanizado, e, por último a pintura, etc.

22.º NOVAS RETRETES DAS ENFERMIARIAS DE 3.ª CLÍNICA CIRÚRGICA E DE GINECOLOGIA — Estas clínicas eram servidas por uma bateria de retretes, instaladas num corpo saliente da fachada nascente, virada ao jardim da portaria principal. Além de acanhadas, tais retretes não satisfaziam às condições higiénicas necessárias, produzindo além disso um detestável efeito na frontaria do edificio.

A sua canalização de esgotos, de deficiente construção, originou infiltrações constantes nas paredes e abóbadas.

Estas infiltrações, a continuarem, causariam não só a ruína completa daquelas paredes e do pavimento de madeira, já em parte apodrecido, da enfermaria de Ginecologia, como inutilizariam as instalações de endoscopia urológica do pavimento inferior.

Com a demolição d'este corpo de retretes muito lucrou a enfermaria de Ginecologia e em geral o edificio.

- 1.º melhorou sob o ponto de vista estético o aspecto exterior da fachada;
- 2.º salvou em parte da ruína, a que estavam sujeitas, as paredes e abóbadas;
- 3.º desapareceram as constantes humidades observadas no interior da sala de vias urinárias e, por conseqüência, o perigo a que estavam sujeitos os doentes e demais pessoal;
- 4.º com o desaparecimento daquelas humidades muito lucrou também a conservação dos utensílos cirúrgicos da mesma sala;
- 5.º desapareceu por completo o mau cheiro, que empestava a enfermaria de Ginecologia;
- 6.º ficou por esta forma a mesma enfermaria com mais uma janela voltada a sudoeste, construída no lugar onde estavam as retretes, o que veio dar-lhe mais luz, sol e ventilação;
- 7.º deixou de se ver, após estas obras de reparação, o mau efeito e verdadeiro estado de miséria a que tinha chegado êste serviço e o perigo resultante.

Demais, foi observado durante as demolições que tôdas as madeiras que faziam parte das retretes demolidas, estavam em completo estado de apodrecimento e por isso ameaçando ruína.

Pôsto isto, passemos a descrever as novas instalações, que, pelo exposto, se tornavam duma necessidade urgentíssima.

Elas ocupam dois antigos quartos pequenos, os quais se encontravam em péssimas condições; os seus pavimentos, de madeira, estavam completamente apodrecidos, deixando atravessar as águas e infiltrar a abóbada que serve de tecto à enfermaria de Urologia, homens.

As divisões de enchamel estavam igualmente apodrecidas não se segurando nelas a cal.

Tudo isto teve de ser demolido, após o que se procedeu às obras de consolidação necessárias, para instalação das novas retretes, casa de banho, etc.

A disposição daqueles quartos, agora ocupados por estas instalações, tornavam escuarríssimos o corredor geral que dá acesso à sala de operações, sala de pensos, elevador, gabinetes e outros serviços, etc.

Era por êste corredor que se fazia a serventia daqueles quartos, e, com a construção agora das retretes, ficou a divisória do corredor vedada e com um largo caixilho em ferro,

envidraçado, que, além de produzir bom efeito, transmite abundante luz ao corredor e à entrada da capela, artística em frente.

As novas instalações compõem-se de três retretes, duas casas de banho, uma casa para arrumos, dois lavatórios e a indispensável pia para despejos.

São amplamente dispostas, bem iluminadas e ventiladas, obedecendo em tudo aos preceitos regulares da construção e higiene.

Estão voltadas a poente, por isso defendidas dos ventos predominantes do norte. São servidas comodamente pelas enfermarias, sem as doentes terem de sair para atravessar átrios, corredores, sujeitar-se a oscilações térmicas, estão ao abrigo do trânsito permanente do movimento geral dos serviços e portanto livres de serem devassadas. São, de facto, o que há de melhor no hospital, tanto sob o ponto de vista higiénico, como de construção.

O pavimento é revestido de ladrilho cerâmico, assente em massame hidráulico de cimento.

As paredes, previamente impermeabilizadas, estão revestidas de azulejo com altura de 1^m,60.

O tecto foi devidamente reparado e de novo guarnecido a branco, bem como as paredes.

Foi estabelecida uma boa rede de esgotos em manilhas de grés, de suficiente diâmetro.

As divisórias dos compartimentos, são construídas em alvenaria de tijolo e argamassa hidráulica.

Foram montadas convenientemente as canalizações de água e feitos os trabalhos necessários de pintura.

23.º NOVA SALA DE PENSOS MULHERES — Em virtude da necessidade urgente de obras de reparação e consolidação da antiga sala, na qual estes serviços estavam montados, foi construída uma outra, aproveitando-se a antiga casa dos telefones, abandonada.

Esta sala está situada ao cimo da escada principal que dá acesso à galeria superior do Claustro.

Os trabalhos ali realizados foram os seguintes:

- substituição do antigo pavimento de ladrilho vulgar, por ladrilho cerâmico;
- construção de uma chaminé para saída de vapores;
- construção de canalizações de esgotos em manilhas de grés;
- do lado da galeria, foi transformada uma porta em janela, ficando, a seu lado, uma porta de serviço, independentemente de uma outra no patamar, ao cimo da escada;
- reparação e caiação das paredes e tecto;
- colocação de um *lambril* de azulejo e várias prateleiras de mármore, etc.;
- finalmente as pinturas respectivas.

Pelos mapas 1 e 3, vê-se que, nas obras de reforma no edifício do hospital do Colégio das Artes, foi gasta, até ao final do ano económico de 1931-1932, a verba 503.501\$98.

Sendo 43.488\$95 de verbas inscritas nos orçamentos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, e 460.013\$03, de verbas inscritas nos orçamentos privativos destes Hospitais.

A primeira verba foi administrada pela Direcção das Obras Públicas do Distrito de Coimbra, e a outra de 460.013\$03, pela Direcção destes Hospitais.

No primeiro semestre do actual ano económico de (1932-1933), realizaram-se importantes obras neste edifício, as quais farão parte do relatório das obras a publicar, respeitante ao ano económico de 1932-1933.

Obras projectadas para a conclusão do edificio do Hospital do Colégio das Artes

a) Novas retretes da enfermaria de 2. ^a Clínica Cirúrgica, homens, a construir no solário, obras anexas, no corpo existente das retretes da 3. ^a Clínica Cirúrgica homens; regularização da fachada nascente.	40.000\$00
b) Regularização da fachada do pequeno pavilhão quartos particulares, mulheres: Demolição das retretes da enfermaria de Urologia homens, sala de operados, na frontaria poente rés do chão, e das retretes da enfermaria de Urologia, sala séptica, na frontaria nordeste do edificio sobre o solário. Construção de outras retretes e casas de banho e regularização da fachada nordeste. . . .	100.000\$00
c) Regularização da fachada norte do edificio: Demolição das retretes suspensas, da Clínica Cirúrgica, mulheres, e construção de outras, no chamado quarto comprido, anexo	20.000\$00
Pavilhão a construir na mesma ala norte, para retretes, casas de banho e casas de trabalho, arrumações, anexos às enfermarias de Ortopédia e 1. ^a Clínica Cirúrgica no 1. ^o pavimento, Urologia e Pediatria no 2. ^o pavimento, em substituição das actuais retretes acima referidas	170.000\$00
d) Conclusão da cobertura do edificio, com telha tipo marselhês, na parte da ala poente.	10.000\$00
e) Conclusão das obras de reforma das enfermarias e seus anexos, nos dois pavimentos superiores do edificio	230.000\$00
Total a dispender para a conclusão das obras do Hospital do Colégio das Artes	570.000\$00

Descrição dos trabalhos

a) RETRETES DA ENFERMARIA DE 2.^a CLÍNICA CIRÚRGICA, HOMENS

A actual casa de retretes, assente no terraço (solário) junto à parede da referida enfermaria, encontra-se em estado de ruína, em virtude do fraco apoio das suas paredes.

Tal facto tem dado origem a que aquele corpo de casa se tenha desligado pouco a pouco da parede do edificio, a que está encostado, dando isso motivo a infiltrações das águas pluviais, as quais, por sua vez, têm apodrecido os madeiramentos.

Além disso, tais retretes, são acanhadas e não possuem as necessárias condições higiénicas, sendo pois, necessário a sua substituição, por outras, nas devidas condições.

Assim, as novas instalações ficarão num corpo de casa, a construir no mesmo solário e no prolongamento de um outro corpo de retretes existente, anexo às enfermarias da 3.^a Clínica Cirúrgica, homens.

Com a construção das novas retretes, serão alteadas as paredes daquele corpo existente, até ao nível do 2.^o pavimento das enfermarias de 3.^a Clínica Cirúrgica, mulheres.

A cobertura será de cimento armado, abrangendo então as duas casas e servindo de terraço, o qual será resguardado por gradeamento de ferro.

As janelas serão do mesmo tipo das existentes nas fachadas do edificio.

Com estas obras ficará melhorado o aspecto geral da fachada nordeste.

Estimativa 40.000\$00.

b) REGULARIZAÇÃO DA FACHADA NORTE DO PEQUENO PAVILHÃO
QUARTOS PARTICULARES, HOMENS

A construção das novas retretes da Enfermaria de Urologia, homens, sala de operados, será feita num espaço desaproveitado, que forma canto no solário.

Na mesma prumada seguirá a construção de outros pavimentos, com instalações também de retretes, quartos, e ampliação da enfermaria da 2.^a Clínica Cirúrgica, mulheres, último pavimento.

Com o aproveitamento do referido espaço, ficará ligado um corpo do edifício que se encontra separado e portanto regularizada a fachada.

A construção das retretes da enfermaria de Urologia, vem substituir as que actualmente existem num corpo saliente da fachada sul, rés do chão, as quais serão demolidas bem como as das enfermarias de Urologia, homens, sala séptica.

Há pouco foi também demolido um outro corpo de retretes, suspenso na mesma fachada sul, e do qual se faz menção neste relatório, demonstrando a necessidade, utilidade e urgência que houve na execução daquela obra.

Estimativa 100.000\$00.

c) REGULARIZAÇÃO DA FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO

As retretes da Enfermaria da 1.^a Clínica Cirúrgica, mulheres, estão instaladas num dos corpos suspensos naquela fachada, que além de prejudicarem o aspecto exterior do edifício, se encontram em estado de ruína.

São acanhadas e não possuem as condições higiénicas necessárias, pelo que, se torna indispensável a construção, condigna, de outras.

As novas instalações, ficarão dispostas num quarto anexo áquela enfermaria, o qual é provido de boa luz e ventilação.

Compõem-se de duas retretes, cabine de banho, casa para arrumos e a indispensável pia de despejos.

As obras a realizar constam de: substituição do actual pavimento de madeira por lage de cimento armado, divisórias de tijolo, canalizações, revestimento do piso com ladrilho cerâmico, azulejamento das paredes, pinturas, etc.

Feitas estas obras, será demolido o actual corpo de retretes suspenso.

Estimativa 20.000\$00.

Na fachada para o lado poente, existem mais quatro corpos idênticos, no mesmo estado de ruína e de desagradável aspecto, pelo que, serão também demolidos, e em sua substituição será construído um pavilhão na mesma ala norte do edifício, para a instalação de retretes, casas de banho, casas de trabalho, arrumações ficando tudo anexo às enfermarias de Ortopédia e 1.^a Clínica Cirúrgica no 1.^o pavimento, Neurologia, e Pediatria no 2.^o pavimento.

Êste pavilhão será erigido a tóda a altura do edifício e assentará em quatro colunas de cimento armado, para por esta forma ficar, o trânsito da rua, livre para a passagem de carros, em serviços da cozinha geral, Economato, Lavandaria, Depósito de carvão, etc.

As suas paredes serão de alvenaria de tijolo, e os pavimentos, em cimento armado, fazendo ligação dêste pavilhão, com as paredes do edifício.

Estimativa 170.000\$00.

d) CONCLUSÃO DA COBERTURA DA ALA POENTE DO EDIFÍCIO

Existe uma parte de cobertura em telha de tipo nacional que, em virtude do seu mau estado, precisa de ser substituída, de harmonia com o mesmo tipo da restante cobertura do edifício, em telha tipo marselhês.

Com esta obra será substituída tôda a ripa e bem assim algumas madeiras apodrecidas, etc.

Estimativa 10.000\$00.

e) CONCLUSÃO DAS OBRAS DE REFORMA DAS ENFERMARIAS E SEUS ANEXOS

1.º Pavimento — Enfermaria da 4.ª Clínica Médica, homens:

Substituição do actual pavimento de ladrilho, em péssimo estado, por ladrilho cerâmico.

Demolição de uma divisória de madeira, envidraçada, existente ao topo norte da enfermaria, sendo em sua substituição construída uma outra em alvenaria de tijolo.

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo.

Reparação e caiação das paredes e abóbadas, reparação de caixilharia, e pinturas.

Novos gabinetes anexos a esta enfermaria, os mesmos trabalhos acima descritos.

Enfermaria de 3.ª Clínica Cirúrgica, homens e átrio.

Sustituição do actual piso, em mau estado, por ladrilho cerâmico.

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejos, caiações e pinturas.

Nos dois quartos anexos a esta enfermaria, substituição do actual pavimento por ladrilho cerâmico.

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo, caiações e pinturas.

Corredor das enfermarias de Urologia, homens.

Substituição do actual piso por ladrilho cerâmico.

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo, caiações e pinturas.

Adaptação a enfermaria, das actuais salas do laboratório de análises clínicas.

Ladrilho cerâmico em pavimentos, *lambril* de azulejo, reparação e caiação das paredes e abóbadas, reforma da caixilharia, portas e trabalhos de pintura.

2.º Pavimento — Enfermarias da 1.ª, 2.ª e 3.ª Clínica Cirúrgica, mulheres:

Revestimento dos pavimentos de madeira, com mosaicos de cortiça.

Revestimento das paredes com *lambril* de azulejo branco.

Reparação e caiação das paredes e tectos.

Reforma da caixilharia e pinturas.

Pequena sala de operações e sala de pensos anexos das enfermarias acima referidas:

Reparação e caiação das paredes e tectos.

Substituição do actual piso de ladrilho, deteriorado, por ladrilho cerâmico.

Reforma dos caixilhos e pinturas.

Enfermarias da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª Clínica Médica, mulheres:

Revestimento dos pavimentos de madeira, com mosaicos de cortiça.

Colocação de *lambril* de azulejo.

Reparação e caiação das paredes e tectos.

Reforma da caixilharia e pinturas.

Sala de pensos da 4.ª Clínica Médica, mulheres:

Substituição do actual pavimento de madeira por outro em ladrilho cerâmico.